

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

FACULDADE DE LETRAS

O GÊNERO DO SUBSTANTIVO EM PORTUGUÊS:

UMA CATEGORIA MORFO-SINTÁTICA

Luiz Carlos de Assis Rocha

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, como parte dos requisitos para obtenção do Grau de Mestre em Língua Portuguesa.

BELO HORIZONTE . 1981

Agradecimentos:

A Ângela Vaz Leão, orientadora deste trabalho e professora nos cursos de graduação e pós-graduação, por tudo que me ensinou e pelo que transcende os ensinamentos;

A Aída, minha mãe, pelo incentivo constante a minha carreira;

A Maria Lúcia Brandão Freire de Melo, colega da Faculdade, pela revisão dos originais;

Aos colegas de Língua Portuguesa e da Faculdade de Letras, pelo convívio, pela troca de idéias, pelas sugestões, pelo empréstimo de livros e pelo estímulo;

Ao Governo do Estado de Minas Gerais, pela "Autorização Especial" que me concedeu para frequentar o Curso de Pós-Graduação.

L.C.A.R.

Para

Andrea, André e Luísa.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
PARTE I	
REVISÃO DO GÊNERO DO SUBSTANTIVO EM PORTUGUÊS	7
Capítulo 1 - Constituição do "corpus"	8
Capítulo 2 - Levantamento dos dados	12
Capítulo 3 - Gênero e flexão	23
Capítulo 4 - Gênero e número	31
Capítulo 5 - Gênero e categoria gramatical . . .	42
5.1- O significado das categorias gramaticais	43
5.2- A forma das categorias gramaticais . . .	49
Capítulo 6 - Gênero e morfologia	56
Capítulo 7 - Conclusão da Parte I	60
Parte II	
CARACTERIZAÇÃO DO GÊNERO DO SUBSTANTIVO EM PORTUGUÊS	62
Capítulo 1 - Conceituação de gênero	63
Capítulo 2 - Significado e forma do gênero	77
2.1- O significado da categoria de gênero . .	78
2.2- A forma da categoria de gênero	87
Capítulo 3 - Considerações finais	93
CONCLUSÃO	96
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	99

I N T R O D U Ç Ã O

São por demais conhecidas, nos meios lingüísticos, as palavras com que Edward Sapir inicia o livro A Linguagem: "Falar é um aspecto tão trivial da vida cotidiana que raramente nos detemos a analisá-lo"⁽¹⁾.

Parafraseando o lingüista norte-americano, podemos dizer que o gênero parece ser um aspecto tão trivial da gramática portuguesa, que raramente nos detemos a analisá-lo.

A bibliografia escassa a respeito da questão confirma o que acabamos de dizer. Não fossem os trabalhos pioneiros de Mattoso Câmara, mesmo assim restritos, por estarem inseridos em obras de fôlego maior⁽²⁾, quase nada haveria em português a respeito do assunto. O estudo da questão seria feito exclusivamente através das gramáticas, que, por sua vez, pelo fato de serem obras gerais, não podem dedicar um espaço maior à análise do problema.

Acrescente-se a isso o fato de que, como observa Mattoso Câmara, "a categoria gramatical de gênero é um dos traços flexionais menos satisfatoriamente descritos em

(1) Edward SAPIR, A Linguagem, 1971, p.17.

(2) J. Mattoso CÂMARA JR., Princípios de Lingüística Geral, 1964, pp.130-139.
Estrutura da Língua Portuguesa, 1970, pp.78-82.
"Considerações sobre o gênero em português", In: Dispersos, 1972, pp.115-129.
História e Estrutura da Língua Portuguesa, 1976, pp.73-78 e 83-86.

nossas gramáticas" (3). Pudemos comprovar essas palavras do Mestre durante a elaboração deste trabalho; há desencontros entre as gramáticas e desencontros maiores ainda entre as gramáticas e dos dados concretos da língua.

Os problemas se avolumam, quando saímos do âmbito restrito do estudioso da matéria para o ambiente comum dos falantes da Língua Portuguesa. Aí as confusões se generalizam, sendo que a mais conhecida é a tendência natural que têm as pessoas de identificar gênero e sexo. Outro problema está relacionado com uma espécie de aura de respeito que parece envolver certos pares designativos de pessoas e animais e que fazem parte do "rito de iniciação" da criança ao estudo do português. São conhecidas as listas de femininos que se exigem nas escolas primárias e secundárias e que constituem um recurso de muitos professores para dar ao seu curso um ar de seriedade. Tal atitude não se limita, porém, às escolas; nos vestibulares e nos concursos públicos, o vezo continua. É conhecida a crônica de Rubem Braga - "Nascer no Cairo, ser fêmea de cupim" (4) - em que o autor ironiza a exigência de alguns professores com relação ao assunto. Ora, a identificação dos pares opostos de gênero está muito mais ligada ao meio a que pertence o indivíduo do que às regras de gramática. Basta verificar, por exemplo, que um indivíduo do meio rural, independentemente de seus conhecimentos gramaticais, poderá usar com muito mais desenvoltura duplas de palavras para designar animais de sexos diferentes, do que nós, cidadãos, acostumados que estamos a recortes diferentes da realidade.

(3) Mattoso CÂMARA, "Considerações sobre o gênero em Português", p.115.

(4) Rubem BRAGA, Ai de Ti, Copacabana, pp. 197-200.

Se Mattoso Câmara afirma que o gênero "é um dos traços flexionais menos satisfatoriamente descritos em nossas gramáticas", isso se deve também, a nosso ver, à falta de técnicas descritivas adequadas, que são agora, incipientemente, estão conseguindo quebrar a barreira do dogmatismo e do tradicionalismo. J. Vendryes, que terminou seu livro Le Langage em 1914, já afirmava a respeito da gramática francesa: "Nous l'appuyons encore sur une nomenclature qui ne cadre pas avec les faits et donne une idée inexacte de la structure grammaticale de notre langue. Si les principes sur lesquels nous nous réglons avaient été établis par d'autres que par des disciples d'Aristote, notre grammaire française serait assurément tout autre"⁽⁵⁾.

O problema, portanto, não se restringe ao estudo específico do gênero, mas abrange a própria concepção de gramática. O não-reconhecimento da morfo-sintaxe como uma das divisões da gramática por parte dos autores brasileiros⁽⁶⁾, à exceção de Celso Cunha, é um reflexo da idéia inexata que temos da estrutura gramatical de nossa língua. Não podemos imputar a deficiência no aprendizado da Língua Portuguesa apenas ao despreparo de nossos alunos. Uma das causas está nas incoerências que se encontram na descrição dos fatos gramaticais, de que o gênero é uma amostra. E o professor de português, mesmo o mais competente, torna-se uma vítima dessas contradições, pois muitas vezes se consome em dúvidas, premido entre as teorias ditadas pelos livros e a realidade incontestável dos fatos.

(5) J. VENDRYES, Le Langage, 1968, p.110.

(6) Embora reconheça a morfo-sintaxe como uma das partes da gramática, Celso Pedro Luft prefere manter a tripartição tradicional: sintaxe, morfologia e fonologia. Celso Pedro LUFT, Moderna Gramática Brasileira, 1976, p.8.

Que não se infira das palavras que acabamos de dizer que tenhamos uma atitude pré-concebida com relação às gramáticas existentes. Pelo contrário. Tomando como protótipo das gramáticas brasileiras a de Celso Cunha, diríamos que ela constitui um marco na bibliografia gramatical brasileira. Mas isso não quer dizer que seja imutável e não possa participar, segura e conscientemente, das conquistas marcantes da lingüística contemporânea. Diga-se de passagem que é isso que tem feito o autor. Sem se deixar abalar pelos modismos e com a grave responsabilidade da autoria da mais difundida gramática brasileira da Língua Portuguesa, Celso Cunha vem incorporando a edições mais recentes de sua obra algumas colocações que não constam de edições anteriores. Para não irmos muito longe, basta citar a referência que o autor faz à morfo-sintaxe na Gramática da Língua Portuguesa⁽⁷⁾, sucedânea da Gramática do Português Contemporâneo⁽⁸⁾, em que o termo não aparece.

Considerações dessa ordem, que começaram a nos preocupar no exercício do magistério superior e, mais recentemente, no curso de pós-graduação que acabamos de frequentar, levaram-nos a constantes e, tanto quanto possível, profundas indagações a respeito de vários itens da gramática da Língua Portuguesa. Daí a idéia de fazer a dissertação de mestrado sobre um desses itens. Pensamos, inicialmente, em fazer um estudo abrangente do gênero que englobasse as diversas classes de palavras. Verificada a impossibilidade de um trabalho desse tipo, dada a sua extensão, fomos limitando nosso campo de estudo, até nos fixarmos na análise

(7) Celso CUNHA, Gramática da Língua Portuguesa, 1979, p.186.

(8) Celso CUNHA, Gramática do Português Contemporâneo, 1970.

do gênero do substantivo.

Baseados no ponto de vista de Sapir, de que "não raro, é precisamente aquilo que nos é familiar, que perspectiva mais ampla revela ser curiosamente esporádico"⁽⁹⁾, partimos "ab initio" para a análise do gênero do substantivo em português. Fizemos, preliminarmente, um levantamento de dados em um determinado "corpus". A partir dos dados colhidos e com a leitura da bibliografia relativa ao assunto, achamos que seria conveniente dividir o estudo do problema em duas partes: na primeira, depois de termos exposto as bases para a fixação do "corpus" e os critérios para o levantamento dos dados, procuramos estabelecer relações entre gênero e flexão, gênero e número, gênero e categoria gramatical e gênero e morfologia. Na segunda, com base na posição de alguns autores que trataram do assunto, estabelecemos o conceito de gênero do substantivo. Através do estabelecimento desse conceito e com o auxílio de outros pontos de vista que foram sendo fixados durante a elaboração do trabalho, pudemos resolver, assim pensamos, os problemas levantados na primeira parte da dissertação.

Podemos dizer, em síntese, que o objetivo principal deste trabalho é estabelecer que o gênero do substantivo em português é uma categoria morfo-sintática, e não, exclusivamente morfológica. Adotamos a perspectiva sincrônica atual no tratamento da questão, embora reconheçamos que a lingüística histórica é sempre um auxiliar valioso na compreensão dos fenômenos lingüísticos. Apoiamo-nos em evidências formais da língua para a fixação do conceito de gênero e procuramos não limitar o raciocínio a uma "escola" ou "teoria" apenas. Esperamos ter sido guiados, antes

(9) SAPIR, op.cit. p.94.

de tudo, pelo bom senso, pela coerência e pela lógica.

Na elaboração deste trabalho, preocupamo-nos também, ainda que incidentalmente, com o ensino do português. Afinal de contas, o gênero do substantivo é um item da gramática que acompanha os nossos alunos desde as séries iniciais do primeiro grau. As incoerências e confusões continuam nos bancos das faculdades de letras e mesmo no exercício do magistério de português. Tais incoerências e confusões, como dizíamos linhas atrás, devem ser debitadas menos à incapacidade dos professores do que a uma insuficiente descrição do gênero do substantivo em português.

P A R T E I

REVISÃO DO GÊNERO DO SUBSTANTIVO

EM PORTUGUÊS

Para uma descrição coerente e objetiva do gênero do substantivo em português, partiremos da observação de dados concretos que nos oferece a língua. Não iremos, de início, recorrer a conceitos já fixados pela tradição gramatical portuguesa, pois, como dissemos na introdução deste trabalho, o estudo de uma questão tão controvertida quanto o gênero deve partir da análise de fatos objetivos da língua. Para tanto, fizemos o levantamento de dados em quatro textos, que passaram a constituir o "corpus" da pesquisa.

CAPÍTULO 1

CONSTITUIÇÃO DO "CORPUS"

Para a fixação do "corpus" de nossa pesquisa, poderíamos ter partido da análise ou da linguagem oral ou da linguagem escrita. Preferimos adotar a segunda opção, porque nos baseamos na hipótese de que, nessas duas modalidades de linguagem, as diferenças que ocorrem com relação ao emprego do gênero são muito pequenas e não comprometem a descrição geral do problema. Desse modo, qualquer das modalidades poderia ter sido adotada. Além disso, como procuramos deixar claro na parte introdutória desta dissertação, há também uma certa preocupação de nossa parte com o aspecto pedagógico da língua. Para isso, preferimos trabalhar com a língua escrita, que reflete com mais fidelidade o uso culto do idioma. Por uma questão de coerência, já que o ensino se baseia no registro culto da língua, preferimos adotar tal posição.

Fizemos a pesquisa em quatro modalidades de texto: técnico, de reportagem, de memórias e de ficção. São tipos de texto que representam diversas manifestações da língua culta. A fim de que tivéssemos dados que retratassem alguns dos principais níveis da linguagem escrita, usamos tipos de texto que variaram desde uma estruturação formal

mais rígida, como é o caso do texto técnico, até um tipo de texto, o de ficção, em que há menos compromisso com a rigidez formal. Entre esses níveis, há dois outros que se colocam habitualmente numa escala decrescente de complexidade formal, o texto de reportagem e o de memórias. Cremos que assim temos uma visão ampla e diversificada da linguagem escrita, o que não aconteceria, se trabalhássemos apenas com um tipo de texto.

Quanto à escolha de determinados textos dentro dos níveis estabelecidos, devemos dizer que não houve um critério especial para nos fixarmos neste ou naquele texto. A escolha foi aleatória, pois entendemos que, uma vez estabelecidos os níveis, qualquer texto que se enquadrasse em um dos tipos fixados poderia integrar o "corpus" da pesquisa.

Os textos escolhidos foram os seguintes:

- a - Técnico - Horácio Rolim de FREITAS. Princípios de Morfologia. Rio, Presença, 1979.
- b - De reportagem - Veja. São Paulo, Ed. Abril, n. 657, abr.1981.
- c - De memórias - Fernando GABEIRA. O que é isso, Companheiro? 22. ed., Rio de Janeiro, Codecri, 1980.
- d - De ficção - Machado de ASSIS. Memórias Póstumas de Brás Cubas. São Paulo, Jackson, 1946.

Registramos os primeiros 1000 substantivos que ocorreram em cada texto. Partimos da "Introdução" do texto técnico, da primeira reportagem da revista Veja e dos primeiros capítulos dos livros de memórias e de ficção. Inter-

rompemos o levantamento no milésimo substantivo de cada texto, independentemente de coincidir com sinais indicadores de pausa nas frases.

Levamos em consideração todos os primeiros 1000 substantivos de cada texto, incluindo-se os que aparecem em: títulos e subtítulos de capítulos ou de reportagens, textos relativos a ilustrações (no caso de reportagens), notas de capítulos e quadros complementares às reportagens.

Não arrolamos os nomes próprios e os nomes estrangeiros não adaptados à grafia do português. Como o critério para se estabelecer se um nome estrangeiro está ou não incorporado à Língua Portuguesa é um pouco complexo, e a fixação desse critério nos levaria para fora da linha-mestra deste trabalho, preferimos adotar um critério puramente gráfico. Consideramos nomes estrangeiros os que apareceram nos textos com a grafia da língua de origem.

Com relação ao fato de um mesmo substantivo aparecer várias vezes num determinado texto, preferimos registrar essa repetição, uma vez que é nossa intenção estudar também a freqüência com que certos tipos de substantivo aparecem nos textos.

Desse modo, os textos do "corpus" ficaram assim constituídos:

Texto técnico: De "I) Visão Sincrônica", parte I da "Introdução", p.14, até "discriminação", na 23a. linha da página 31.

Texto da reportagem: De "As bombas de abril", p. 20, até "general", na 2a. linha da coluna B da página 27.

Texto de memórias: De "Parte I - Homem correndo da Polícia", p.7, até "garotos", na 4a. linha da página 26.

Texto de ficção: De "Óbito do autor", 19 capítulo, p. 11, até "história", na 12a. linha da página 38.

CAPÍTULO 2

LEVANTAMENTO DOS DADOS

Esclarecida a constituição do "corpus da pesquisa, apresentamos, em seguida, uma amostra do trabalho desenvolvido na coleta de dados.

Vamos transcrever uma parte do texto de ficção que escolhemos para integrar a nossa pesquisa. Corresponde ao primeiro capítulo do livro de Machado de Assis. Para facilitar a consulta posterior ao texto, grifamos todos os substantivos e numeramos as linhas de cinco em cinco.

1

"Óbito do autor

Algum tempo hesitei se devia abrir estas memórias pelo princípio ou pelo fim, isto é: se poria em primeiro lugar o meu nascimento ou a minha morte. Suposto o uso vulgar seja começar pelo nascimento, duas considerações me levaram a adotar diferentes métodos: a primeira é que eu não sou propriamente um autor defunto, mas um defunto autor, para quem a campanha foi outro berço; a segunda é que o escrito ficaria assim mais galante e mais novo. Moisés, que também contou a sua morte, não a pôs no intróito, mas no cabo: diferença radical entre este livro e o Pentateuco.

10

Dito isto, expirei às duas horas da tarde de uma sexta-feira do mês de agosto de 1869, na minha bela chácara

ra de Catumbi. Tinha uns sessenta e quatro anos, rijos e
15 prósperos, era solteiro, possuía cerca de trezentos contos
e fui acompanhado ao cemitério por onze amigos. Onze ami-
gos! Verdade é que não houve cartas nem anúncios. Acresce
que chovia, peneirava uma chuvinha miúda, triste e constan-
te, tão constante e tão triste que levou um daqueles fiéis
20 da última hora a intercalar esta engenhosa idéia no discur-
so que proferiu à beira de minha cova: — 'Vós, que o conhe-
cestes, meus senhores, vós podeis dizer comigo que a natu-
reza parece estar chorando a perda irreparável de um dos
mais belos caracteres que têm honrado a humanidade. Este ar
25 sombrio, estas gotas do cêu, aquelas nuvens escuras, que
cobrem o azul como um crepe funéreo, tudo isso é a dor crua
e má que nôi à Natureza as mais íntimas entranhas; tudo is-
so é um sublime louvor ao nosso ilustre finado'.

Bom e fiel amigo! Não, não me arrependo das vin-
30 te apólices que lhe deixei. E foi assim que cheguei à clau-
sura dos meus dias; foi assim que encaminhei para o 'undis-
covered country' de Hamlet, sem as ânsias nem as dúvidas do
moço príncipe, mas pausado e trôpego, como quem se retira
tarde do espetáculo. Tarde e aborrecido. Viram-me ir umas
35 nove ou dez pessoas, entre elas três senhoras, minha irmã
Sabina, casada com o Cotrim, a filha — um lírio do vale —
e ... Tenham paciência! Daqui a pouco lhes direi quem era
a terceira senhora. Contentem-se de saber que essa anônima,
ainda que não parenta, padeceu mais do que as parentas. É
40 verdade, padeceu mais. Não digo que se carpisse, não que se
deixasse rolar pelo chão, convulsa. Nem o meu óbito era
cousa altamente dramática... Um solteirão, que expira aos
sessenta e quatro anos, não parece que reúna em si todos os
elementos de uma tragédia. E, dado que sim, o que menos

45 convinha a essa anônima era aparentá-lo. De pé, à cabeceira da cama, com os olhos estúpidos, a boca entreaberta, a triste senhora mal podia crer na minha extinção.

— Morto! morto! dizia consigo.

E a imaginação dela, como as cegonhas que um ilus-
50 tre viajante viu desferirem o vôo desde o Ilisso às ribas africanas, sem embargo das ruínas e dos tempos — a imaginação dessa senhora também voou por sobre os destroços presentes até às ribas de uma África juvenil ... Deixá-la ir; lá iremos quando eu me restituir aos primeiros anos. Agora,
55 quero morrer tranquilamente, metodicamente, ouvindo os soluços das damas, as falas baixas dos homens, a chuva que tamborila nas folhas de tinhorão da chácara e o som estrí-
dulo de uma navalha que um amolador está afiando lá fora, à porta de um correeiro. Juro-lhes que essa orquestra da
60 morte já foi muito menos triste do que podia parecer. De certo ponto em diante chegou a ser deliciosa. A vida estrebuchava-me no peito, com uns ímpetos de vaga marinha, esvaía-se-me a consciência, ou descia à imobilidade física e moral, e o corpo fazia-se-me planta, e pedra, e lodo, e
65 cousa nenhuma.

Morri de uma pneumonia; mas, se lhe disser que foi menos a pneumonia, do que uma idéia grandiosa e útil, a causa da minha morte, é possível que o leitor me não creia, e todavia é verdade. Vou expor-lhe sumariamente o caso. Julgue-o por si mesmo".⁽¹⁰⁾.

(10) Machado de ASSIS, Memórias Póstumas de Brás Cubas, 1946, pp.11-14.

No texto transcrito acima, temos um total de 138 substantivos, o que, cremos, já poderá servir como uma amostra do trabalho que desenvolvemos com os 4.000 substantivos do "corpus" estabelecido.

Há um consenso geral entre os gramáticos, segundo o qual os substantivos da Língua Portuguesa se classificam em masculinos ou femininos, pelo fato de admitirem os artigos "o" ou "a", respectivamente. Adotando esse critério, temos a divisão abaixo. Os substantivos que se referem a pessoas e animais aparecem grifados e com indicação da linha, no texto transcrito.

Substantivos masculinos

<u>ôbito</u>	<u>crepe</u>
<u>autor</u> (1.1)	<u>louvor</u>
<u>tempo</u>	<u>finado</u> (1.28)
<u>princípio</u>	<u>amigo</u> (1.29)
<u>fim</u>	<u>dias</u>
<u>lugar</u>	<u>maço</u> (1.33)
<u>nascimento</u>	<u>espetáculo</u>
<u>uso</u>	<u>lírrio do vale</u> (1.36)
<u>nascimento</u>	<u>chão</u>
<u>método</u>	<u>ôbito</u>
<u>autor</u> (1.7)	<u>solteirão</u> (1.42)
<u>defunto</u> (1.7)	<u>anos</u>
<u>berço</u>	<u>elementos</u>
<u>escrito</u>	<u>olhos</u>
<u>intrôito</u>	<u>viajante</u> (1.50)
<u>cabo</u>	<u>vôo</u>
<u>livro</u>	<u>tempos</u>
<u>mês</u>	<u>destroços</u>

agosto	anos
anos	soluções
contos	<u>homens</u> (1.56)
cemitério	tinhorão
<u>amigos</u> (1.16)	som
<u>amigos</u> (11.16-17)	<u>amolador</u> (1.58)
anúncios	<u>correeiro</u> (1.59)
<u>fiéis</u> (1.19)	ponto
discurso	peito
<u>senhores</u> (1.22)	ímpetos
<u>caracteres</u> (1.24)	corpo
ar	lodo
céu	<u>leitor</u> (1.68)
azul	caso.

Substantivos femininos

memórias	verdade
morte	cousa
considerações	tragédia
campa	<u>anônima</u> (1.45)
morte	cabeceira
diferença	cama
horas	boca
tarde	<u>senhora</u> (1.47)
sexta-feira	extinção
chácara	<u>cegonhas</u> (1.49)
verdade	ribas
cartas	ruínas
chuvinha	imaginação
hora	<u>senhora</u> (1.52)
idéia	ribas

<i>cova</i>	<u>damas</u> (1.56)
<i>natureza</i>	<i>falas</i>
<i>perda</i>	<i>chuva</i>
<i>humanidade</i>	<i>folhas</i>
<i>gotas</i>	<i>chácara</i>
<i>nuvens</i>	<i>navalha</i>
<i>porta</i>	<i>orquestra</i>
<i>dor</i>	<i>morte</i>
<i>natureza</i>	<i>vida</i>
<i>entranhas</i>	<i>vaga</i>
<i>apôlices</i>	<i>consciência</i>
<i>clausura</i>	<i>imobilidade</i>
<i>ânsias</i>	<i>planta</i>
<i>dúvidas</i>	<i>pedra</i>
<u>peessoas</u> (1.35)	<i>coisa</i>
<u>senhoras</u> (1.35)	<i>pneumonia</i>
<u>irmã</u> (1.35)	<i>pneumonia</i>
<u>filha</u> (1.36)	<i>idéia</i>
<i>paciência</i>	<i>causa</i>
<u>senhora</u> (1.38)	<i>morte</i>
<u>anônima</u> (1.38)	<i>verdade</i>
<u>parenta</u> (1.39)	<u>parentas</u> (1.39)

A partir dessa divisão, faremos algumas considerações preliminares a respeito do gênero do substantivo.

Na sua maioria, os substantivos acima denotam seres não-sexuados e não admitem flexão. Recebem as marcas -sexuado e -flexão.

Os outros referem-se a seres sexuados, sendo, portanto, marcados com o traço +sexuado. São os seguintes:

Substantivos masculinos

<i>autor</i> (1.1)	<i>amigo</i> (1.29)
<i>autor</i> (1.7)	<i>moço</i> (1.33)
<i>defunto</i> (1.7)	<i>lírio do vale</i> (1.36)
<i>amigos</i> (1.16)	<i>solteirão</i> (1.42)
<i>amigos</i> (11.16-17)	<i>viajante</i> (1.50)
<i>fiéis</i> (1.19)	<i>homens</i> (1.56)
<i>senhores</i> (1.22)	<i>amolador</i> (1.58)
<i>caracteres</i> (1.24)	<i>correeiro</i> (1.59)
<i>finado</i> (1.28)	<i>leitor</i> (1.68)

Substantivos femininos

<i>pessoas</i> (1.35)	<i>parentas</i> (1.39)
<i>senhoras</i> (1.35)	<i>anônima</i> (1.45)
<i>irmã</i> (1.35)	<i>senhora</i> (1.47)
<i>filha</i> (1.36)	<i>cegonhas</i> (1.49)
<i>senhora</i> (1.38)	<i>senhora</i> (1.52)
<i>anônima</i> (1.38)	<i>damas</i> (1.56)
<i>parenta</i> (1.39).	

É possível, dentre esses substantivos estabelecer dois grupos principais, independentemente do gênero a que pertencem.

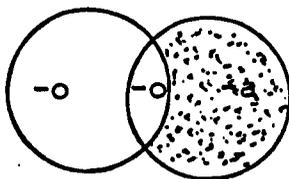
1º GRUPO: *amigos* (duas vezes), *fiéis*, *senhores*, *caracteres*, *viajante*, *leitor*, *pessoas*, *cegonhas*.

Apesar de serem masculinos ou femininos, esses nomes não estabelecem distinção quanto ao sexo dos seres a que se referem. São substantivos marcados com o traço -distinção.

Esses substantivos não apresentam flexão, nem em qualquer contexto (fiéis, caracteres, viajante, pessoas e cegonhas), nem no texto em estudo (amigos, senhores e leitor). Caracterizam-se também pelo fato de serem portadores do traço -flexão.

Consideramos amigos, senhores e leitor como substantivos destituídos de flexão, embora tal ponto de vista possa, a princípio, parecer estranho. É preciso, porém, observar que estamos apoiando nossas considerações em um determinado texto, em que o flexionamento dos citados vocábulos não pode ocorrer, por se tratar de substantivos de uso indefinido, quanto ao gênero. Como sabemos, os substantivos desse tipo, quando referentes a pessoas, estão sempre no masculino. A propósito dessa colocação, Pottier simboliza a questão, no espanhol, do seguinte modo⁽¹¹⁾:

REF.
MACHO



REF.
FÊMEA

(11) Bernard POTTIER, Gramática del Español, 1970, p.42.

Aplicando ao português a simbolização de Pottier, verificamos que o gênero masculino (representado pela desinência -o) pode ser empregado para denotar não apenas seres do sexo masculino, mas também seres dos dois sexos, quando o uso é indefinido.

Ainda com relação a amigos, senhores e leitor, que assinalamos como sendo destituídos de flexão, é preciso, por uma questão de coerência, levar em consideração o seguinte raciocínio: se admitimos que os substantivos mencionados apresentam o traço -distinção, fatalmente também terão o traço -flexão, uma vez que a flexão de gênero denota sempre distinção de sexo.

2º GRUPO: *autor* (duas vezes), *defunto*, *finado*, *amigo*, *moço*, *lírio do vale*, *solteirão*, *homens*, *amolador*, *correeiro*, *senhoras*, *irmã*, *filha*, *senhora* (três vezes), *anônima* (duas vezes), *parenta*, *parentas*, *damas*.

Os substantivos desse grupo apresentam o traço +distinção. Mas aqui podemos separar esses substantivos em dois subgrupos, com os seguintes traços característicos:

-flexão: *lírio do vale*, *homens*, *amolador*, *correeiro*, *damas*.

+flexão: *autor*, *defunto*, *finado*, *amigo*, *moço*, *solteirão*, *senhoras*, *senhora*, *anônima*, *parenta*, *parentas*.

Há duas observações a fazer a respeito de alguns nomes que apresentam o traço -flexão.

Lírio do vale denota um tipo de flor, como registram os nossos dicionários. No texto em estudo, aparece, porém, em linguagem metafórica, referindo-se à sobrinha do autor. Trata-se, é evidente, de um substantivo afetado pelo traço semântico +sexuado e pelo traço morfológico -flexão.

Amolador e correeiro estão entre aqueles nomes da Língua Portuguesa que apresentam os femininos amoladora e correeira, sob o ponto de vista do sistema. Sob o ponto de vista da norma, porém, no sentido em que Eugênio Coseriu empregou esse termo, apenas as formas masculinas são consagradas pelo uso. Isso se deve ao fato de que certas profissões são exercidas habitualmente só por homens ou só por mulheres. É o caso de substantivos como pedreiro, carpinteiro, bombeiro, cerzideira, arrumadeira, em que um dos gêneros é exclusivo. Trata-se, é evidente, de um problema cultural, com repercussões no plano lingüístico.

Estabelecidos os grupos e subgrupos dos substantivos do texto em estudo, e definidos os seus respectivos traços, elaboramos o quadro nº 1, que é apresentado a seguir.

Este quadro foi testado, primeiramente, em todo o texto de ficção. Verificada a sua funcionalidade, passou a servir de base para o recolhimento de dados nos quatro textos que constituem o "corpus" da pesquisa.

CAPÍTULO 3

GÊNERO E FLEXÃO

Os dados obtidos com o levantamento feito nos quatro textos permitem-nos fazer algumas considerações a respeito do gênero e da flexão dos substantivos em Língua Portuguesa.

Segundo Mattoso Câmara, flexão é o "processo de 'flectir', isto é, fazer variar um vocábulo para nele expressar dadas categorias gramaticais"⁽¹²⁾.

Nos exemplos abaixo, estamos diante de substantivos que recebem flexão, ou seja, nota-se claramente o "processo de flectir", os vocábulos "variam" para indicar a diferença de gênero:

O aluno estuda as lições de Matemática.

A aluna estuda as lições de Matemática.

O lobo protege seus filhotes.

A loba protege seus filhotes.

A tradição gramatical portuguesa, baseada em exemplos desse tipo, apresenta os substantivos como tendo flexão de gênero. É o que estabelecem, com raras exceções, as nossas gramáticas.

Para comprovar o que estamos afirmando, fizemos um levantamento da questão em algumas de nossas gramáticas

(12) J. Mattoso CÂMARA JR., Dicionário de Filologia e Gramática, 1964, verbete flexão.

dividimos as posições dos autores em dois grupos.

No primeiro grupo, o gênero é estudado no capítulo das flexões do substantivo. Adotam tal posição, dentre outros, os seguintes autores: Celso Pedro Luft⁽¹³⁾, Gladstone Chaves de Melo⁽¹⁴⁾, Mário Pereira de Souza Lima⁽¹⁵⁾, Domingos Paschoal Cegalla⁽¹⁶⁾, Artur de Almeida Torres⁽¹⁷⁾ e Leodegário Amarante de Azevedo Filho⁽¹⁸⁾. É essa também a posição da NGB⁽¹⁹⁾. Além disso, essa tem sido, via de regra, a prática mais comum no ensino do problema.

No segundo grupo, a diferença, com relação aos autores do primeiro grupo, está no fato de que há uma declaração explícita de possibilidade de flexão. Convém transcrever a posição desses autores, para podermos discutir melhor a questão:

- Celso Cunha:

"Flexões dos substantivos - os substantivos podem variar em número, gênero e grau"⁽²⁰⁾.

- Evanildo Bechara:

"Flexões do adjetivo - como o substantivo, o adjetivo pode variar em número, gênero e grau"⁽²¹⁾.

Apresentamos, em seguida, os dados de nossa pesquisa.

(13) Celso LUFT, op. cit., pp.104-107.

(14) Gladstone Chaves de MELO, Gramática Fundamental da Língua Portuguesa, 1968, p.112.

(15) Mário Pereira de Souza LIMA, Gramática Expositiva da Língua Portuguesa, 1937, p.306.

(16) Domingos Paschoal CEGALLA, Novíssima Gramática da Língua Portuguesa, 1979, p.82.

(17) Artur de Almeida TORRES, Moderna Gramática Expositiva, 1964, p.58.

(18) Leodegário Amarante de AZEVEDO Filho, Gramática Básica da Língua Portuguesa, 1968, p.87.

(19) Antenor NASCENTES, Comentário à Nomenclatura Gramatical Brasileira, 1959, p.13.

(20) Celso CUNHA, Gramática da Língua Portuguesa, p. 191.

(21) Evanildo BECHARA, Moderna Gramática Portuguesa, 1972, p.89.

QUADRO 2

Textos	-sex.	+sexuado			Total
	-flexão	-dist.	+distinção		
		-flexão	-flexão	+flexão	
Técnico	937	46	05	12	1000
De reportagem	856	47	30	67	1000
De memórias	834	82	45	39	1000
De ficção	820	65	51	64	1000
T o t a l	3447	240	131	182	4000

O quadro nº 2 é, por um lado, uma extensão do quadro nº 1, apresentado linhas atrás, pois contém os números relativos à pesquisa que empreendemos nos quatro textos do "corpus". Por outro lado, é também uma redução de parte do quadro nº 1, no que se refere à distinção entre masculino e feminino. Tal distinção é, no momento, irrelevante.

Como o que temos em mira é o problema da flexão, podemos extrair do quadro anterior (nº 2) os dados que nos interessam e, a partir desses dados, elaborar um novo quadro (nº 3). Juntamos os números das três primeiras colunas em uma só (-flexão) e os comparamos com os números da 4a. coluna (+flexão).

QUADRO 3

Textos	nº			%		
	-flexão	+flexão	total	-flexão	+flexão	total
Técnico	988	12	1000	98,8	1,2	100
De reportagem	933	67	1000	93,3	6,7	100
De memórias	961	39	1000	96,1	3,9	100
De ficção	936	64	1000	93,6	6,4	100
T o t a l	3818	182	4000	95,5	4,5	100

Confrontando os dados da pesquisa com as posições das gramáticas, podemos fazer algumas considerações a respeito das relações entre gênero e flexão.

a) Os dados da pesquisa revelam que a grande maioria dos substantivos não recebe flexão de gênero (95,5%).

b) Os autores do primeiro grupo estabelecem que o gênero dos substantivos está vinculado à flexão dos vocábulos.

c) Celso Cunha, um dos autores do segundo grupo, estabelece que os substantivos podem variar em gênero e

apresenta a questão no capítulo referente à flexão dos vocábulos.

Evanildo Bechara, ao tratar do gênero do substantivo, não faz qualquer referência à flexão⁽²²⁾. Ao estudar o gênero do adjetivo, como verificamos na transcrição supra, estabelece que, "como o substantivo", o adjetivo po-de variar em gênero. Esse item da gramática vem incluído no estudo das flexões do adjetivo.

d) Considerando-se, porém, que a grande maioria dos substantivos não pode variar em gênero, a descrição coerente no caso seria, a nosso ver, a de que se os substantivos da Língua Portuguesa normalmente não se flexionam quanto ao gênero. Uma descrição mais coerente e objetiva dos fatos seria, ainda, aquela que não fizesse qualquer alusão, a princípio, ao flexionamento das palavras. É essa a posição de Evanildo Bechara e Said Ali, quando tratam do gênero do substantivo⁽²³⁾. Desse modo, a descrição e a teoria gramaticais estariam se apoiando naquilo que a língua apresenta de mais geral. Foi esse, aliás, o ponto de vista de Celso Cunha e Evanildo Bechara, ao tratarem da gradação dos advérbios.

Celso Cunha afirma, a propósito do assunto:

"Certos advérbios, principalmente os de modo, são suscetíveis de gradação"⁽²⁴⁾.

(22) Id. ib., p.83.

(23) M.Said ALI, Gramática Secundária da Língua Portuguesa, 1964, p.33.

(24) Celso CUNHA, Gramática da Língua Portuguesa, p. 504.

De acordo com esse princípio, seria correto generalizar a questão e estabelecer que "os advérbios podem admitir gradação"? Embora correta em si, a afirmativa seria falha pelo fato de se apoiar em alguns casos apenas. A posição de Celso Cunha, de que "certos advérbios (...) são suscetíveis de gradação", corresponde, sem dúvida, à realidade dos fatos.

Evanildo Bechara, no capítulo sobre os advérbios, não faz, no início de sua exposição, qualquer referência à flexão dos advérbios. No final, afirma que "há certos advérbios, principalmente os de modo, que podem sofrer flexão gradual..."⁽²⁵⁾. O autor partiu, sem dúvida, dos aspectos gerais da caracterização dessa classe de palavra, para chegar aos aspectos particulares.

É essa a posição adotada por Amado Alonso e Henriquez Ureña, com relação ao gênero do substantivo espanhol, e que será objetivo de considerações pormenorizadas na segunda parte deste trabalho. Por ora, estamos apenas constatando que os autores não fazem, na caracterização do gênero do substantivo, qualquer referência à flexão das palavras. Depois de conceituado o gênero, em outros termos que não os flexionais, os autores afirmam:

"En unos pocos sustantivos, el género se manifiesta también como accidente gramatical, esto es, no sólo por la terminación del adjetivo acompañante, sino por dos formas distintas en el sustantivo mismo: niño niña, esposo esposa, pastor pastora, ciervo cierva, león leona, etc."⁽²⁶⁾

(25) Evanildo BECHARA, op. cit., p.154.

(26) Amado ALONSO e Pedro Henriquez UREÑA, Gramática Castellana, v.1, 1964, p.62.

e) Da maneira como questão foi colocada pelos autores do primeiro grupo, é possível concluir que todos os substantivos da Língua Portuguesa se flexionam para indicar o gênero. Já os autores do segundo grupo afirmam que os substantivos admitem, ou não, flexão de gênero. Mas como todos os substantivos da Língua Portuguesa estão enquadrados entre os masculinos ou os femininos e a quase totalidade não recebe flexão, parece-nos que a solução para o problema é a de desvincular o conceito de gênero do conceito de flexão. Há substantivos que recebem flexão de gênero e há os que não recebem. Mas todos, repetimos, são masculinos ou femininos.

Para termos uma idéia do caráter "sui generis" que apresenta o problema do gênero em português, basta compararmos com o mecanismo da flexão de número, que se descreve de maneira diferente. A par da marca típica de plural, os substantivos apresentam uma desinência zero, característica do singular. Isso se dá, praticamente, com todos os substantivos comuns do português. Podemos, portanto, generalizar a questão e afirmar que os substantivos se flexionam para indicar o número. Conseqüentemente, um substantivo no singular ou no plural apresenta sempre flexão de número. É por isso que nomes como atlas, pires, lâpis, oásis, ônibus e outros desse tipo, quando tomados isoladamente, não estão, a rigor, nem no singular, nem no plural, uma vez que não se flexionam quanto ao número⁽²⁷⁾. Outras con-

(27) "Mas, ao passo que a flexão de número é comum a todos os nomes (substantivos e adjetivos), salvo o grupo limitado de palavras graves que já terminaram em /s/, a flexão de gênero é privativa aos adjetivos de tema em -o e a uma certa porção de substantivos de qualquer terminação". Mattoso CÂMARA, História e Estrutura da Língua Portuguesa, pp.77-78.

siderações a respeito da flexão de gênero em face da flexão de número serão apresentadas no Capítulo 4 desta primeira parte, a seguir.

Com o gênero, como vimos, a colocação do problema é diferente. Os substantivos da Língua Portuguesa, em sua quase totalidade, classificam-se em masculinos ou femininos, independentemente de receber flexão. O conceito de gênero não pode, portanto, estar subordinado ao conceito de flexão.

Como primeira conclusão parcial do nosso trabalho, podemos estabelecer que os substantivos classificam-se em masculinos ou femininos, independentemente de admitirem flexão. É preciso, portanto, desvincular o conceito de gênero do conceito de flexão.

CAPÍTULO 4

GÊNERO E NÚMERO

Considerações de outra ordem demonstram que o gênero em português não apresenta, rigorosamente, as mesmas características do mecanismo da flexão de número dos substantivos. Ao estabelecer a diferença entre a derivação e a flexão, Mattoso Câmara afirma:

"Já na flexão há obrigatoriedade e sistematização coerente. Ela é imposta pela própria natureza da frase, e é naturalis no termo de Varrão. É a natureza da frase que nos faz adotar um substantivo no plural ou um verbo na 1.ª pessoa do pretérito imperfeito. Os morfemas flexionais estão concatenados em paradigmas coesos e com pequena margem de variação. (...) É uma relação fechada, por exemplo, que vigora entre cantávamos e todas as demais formas do verbo cantar, ou entre lobos ou loba e o nome básico singular lobo. Aí, nas palavras de Halliday, 'a lista dos termos é exaustiva', 'cada termo exclui os demais' e não está na nossa vontade introduzir um novo termo no quadro existente" (28).

(28) Mattoso CÂMARA. Estrutura da Língua Portuguesa, p. 72.

Extraíndo das palavras de Mattoso Câmara os dados essenciais do problema, vemos que são duas as características principais da flexão: a obrigatoriedade e a sistematização. A obrigatoriedade consiste no fato de que a flexão do vocábulo é exigida pela natureza da frase. Na sistematização, "os morfemas flexionais estão concatenados em paradigmas coesos e com pequena margem de variação". Além disso, "não está na nossa vontade introduzir um novo termo no quadro existente".

Confrontando o exposto acima com os dados da pesquisa, podemos fazer algumas considerações.

Foi dito que a flexão se caracteriza pela obrigatoriedade. É o que parece existir, realmente, com a flexão de número. Empiricamente, podemos dizer que um levantamento de dados nesse sentido confirmaria essa hipótese. São raros os casos em que podemos imaginar um substantivo que não se flexione, quando a natureza da frase exige o flexionamento.

Tal não se dá com o gênero, pelo menos de maneira tão absoluta como acontece com o número. Os dados da pesquisa revelam que dos 313 casos em que se observa a marca +distinção, ou seja, onde seria de se esperar o flexionamento do vocábulo, 131 nomes não se flexionam e 182 assim o fazem. A proporção é de 42% de casos de -flexão, para 58% de +flexão (29).

A passagem abaixo, extraída do texto de ficção, ilustra o que estamos querendo dizer:

"Agora, quero morrer tranqüilamente, metodicamente, ouvindo os soluços das damas e as

(29) Ver supra, quadro nº 2, p. 25.

falas baixas dos homens, a chuva que tambo-
rila nas folhas de tinhorão da chácara e o
som estrídulo de uma navalha que um amolador
está afiando lá fora, à porta de um correei-
ro" (30).

Damas, homens, amolador e correeiro não apresentam flexão de gênero, apesar de o primeiro se referir especificamente a seres do sexo feminino e os outros, a seres do sexo masculino. Nos dois primeiros, a indicação dos seres que se lhes opõem sexualmente se faz pelo processo da heteronímia e nos dois últimos, como vimos à página 21 deste trabalho, a língua só registra as formas do masculino, não havendo, portanto, flexão dos vocábulos. Diversamente do que acontece com a flexão de número, a flexão de gênero é raramente exigida pela natureza da frase.

Estabelecendo relações entre as palavras de Mattoso Câmara e o que acabamos de expor, podemos dizer que o caráter de obrigatoriedade não se aplica à flexão de gênero. Mas isso não quer dizer que os substantivos nunca se flexionem para indicar o gênero. Apesar de serem poucos os casos de flexionamento de gênero do substantivo — 4,5%, no quadro geral da nossa pesquisa — há exemplos evidentes de que alguns substantivos se flexionam para explicitar o gênero a que pertencem, como mostramos à página 23 desta dissertação:

O aluno estuda as lições de Matemática.

A aluna estuda as lições de Matemática.

O lobo protege seus filhotes.

A loba protege seus filhotes.

(30) Ver supra, p.14, ll.54-59.

Concluimos que a flexão do gênero não se aplica o caráter de obrigatoriedade. Para reforçar o nosso ponto de vista, basta lembrar que os pronomes pessoais e os numerais, para não irmos muito longe, também não apresentam um caráter obrigatório com relação às flexões de gênero. Os pronomes pessoais oblíquos da 3a. pessoa apresentam, sob esse aspecto, uma discrepância: a forma o se enquadra num par opositivo o/a para indicar a diferença de gênero, o que não acontece com a forma lhe. Comparem-se "eu o vi" e "eu a vi" com "eu lhe dou". Os numerais apresentam flexão de gênero nas formas um, dois e nas centenas a partir de duzentos. Vemos, portanto, que a obrigatoriedade não é uma condição "sine qua non" para a caracterização do gênero.

A sistematização é, segundo Mattoso Câmara, outra característica da flexão. Repetindo suas palavras, há pouco citadas, "os morfemas flexionais estão concatenados em paradigmas coesos e com uma pequena margem de variação"⁽³¹⁾.

A afirmativa se aplica a casos de flexão de gênero, como aluno/aluna, menino/menina, mestre/mestra, diretor/diretora, leão/leoa, etc., em que "cada termo exclui os demais e não está na nossa vontade introduzir um novo termo no quadro existente"⁽³²⁾. Aqui estamos diante de pares já fixados pela tradição da língua, quer como continuação do latim, como é o caso de mestre/mestra, quer como criação análoga surgida em época recente, como é o caso de diretor/diretora⁽³³⁾. Assim como diretora custou a se fixar na

(31) Os poucos casos de flexão de gênero foram assim descritos por Mattoso Câmara: "A flexão de gênero é uma só, com pouquíssimos alomorfes: o acréscimo, para o feminino, do sufixo flexional -a (/a/ átono final) com a supressão da vogal temática, quando ela existe no singular: lob(o) + a = loba; autor + a = autora" Mattoso CÂMARA, Estrutura da Língua Portuguesa, pp.79-80.

(32) Ver supra, p.31.

(33) Cf. Joaquim José NUNES, Compêndio de Gramática Histórica Portuguesa, s.d., p.225.

Língua, hoje há formas de feminino em que a norma tanto culta quanto popular se mostra indecisa quanto à sua fixação. Isso se explica por três motivos básicos.

Em primeiro lugar, as comunidades humanas demonstram um especial interesse por determinados animais a que estão ligadas. Tal interesse pode ser observado através da linguagem, quer sob forma de metáforas coletivas (v.g.) "aquele homem é burro", "esta mulher é uma víbora"), quer sob forma de provérbios e ditados populares ("cão que late não morde", "uma andorinha não faz verão", etc.). No gênero também se observa esse relacionamento especial do homem com certos animais, pois justamente esses é que terão, via de regra, formas distintas para indicar os sexos, ora através de pares heterônimos, ora através da flexão. Fixando a atenção sobre as formas da flexão, sabemos que há pares consagrados pelo uso, como:

<i>gato/gata</i>	<i>cabrito/cabrita</i>
<i>lobo/lobo</i>	<i>pombo/pomba</i>
<i>porco/porca</i>	<i>coelho/coelha</i>
<i>macaco/macaca</i>	<i>leão/leoa</i>
<i>pato/pata</i>	<i>leitão/leitona, etc.</i>

Há casos, porém, em que, devido principalmente ao distanciamento que se verifica entre o homem e certos tipos de animal, mesmo a norma culta se mostra indecisa com relação à fixação de alguns pares de flexão. Os exemplos abaixo foram colhidos em nossas gramáticas:

<i>veado</i>	-	<i>veada/cerva/corça</i>
<i>cervo</i>	-	<i>cerva</i>
<i>gamo</i>	-	<i>gama</i>
<i>melro</i>	-	<i>melroa/melra</i>

elefante - elefanta/elefoa/aliã

faisão - faisoa/faisã

pavão - pavoá.

Essa indecisão na fixação de pares flexivos também se dá no estabelecimento de pares heterônimos. Embora estejamos no momento preocupados apenas com o problema da flexão, a heterogeneidade de amostras opositivas para designar o sexo dos animais, mesmo no campo do léxico, demonstra a dificuldade de uma sistematização coerente e objetiva do fenômeno. Uma pequena coleta de exemplos em nossas gramáticas poderá ilustrar o que acabamos de dizer:

javali - javalina/gironda

pardal - pardoca/pardaloca/pardaleja

jabuti - jabota

tigre - tigresa (uniforme, para a maioria dos autores)

grou - grua

lebrão - lebre

perdigão - perdiz

mu - mula/besta

pacuçu - paca

capitari - tartaruga.

Em segundo lugar, conforme vimos anteriormente, à página 21 deste trabalho, há profissões que habitualmente são exercidas só por homens ou só por mulheres. Em decorrência disso, há substantivos exclusivos quanto ao gênero, como é o caso das palavras como amolador e correeiro, que apareceram no texto de Machado de Assis e que foram descritas por nós como não tendo flexão de gênero. Além disso, há certas posições ou funções que têm sido ocupadas ou exercidas, na maioria das vezes, por homens. É o que se dá,

por exemplo, com os titulares de uma presidência, de um ministério ou de uma chefia.

Quando fizemos o levantamento de dados no "corpus" que serviu de base para esta dissertação, hesitamos algumas vezes em colocar determinados substantivos como portadores do traço de flexão, pelos motivos expostos acima. É que, com a ascensão das mulheres a postos ocupados tradicionalmente por homens, como é o caso da presidência ou do generalato, e com o ingresso das mulheres nas profissões reconhecidas habitualmente como exclusivas do sexo masculino, como aconteceu em data recente com as novas "marinheiras" no Brasil, a língua tende a refletir a nova realidade. Cumpre assinalar também que, no mundo moderno, certos cargos só são exercidos por homens, mas a tradição da língua conserva certas formas de feminino não-condizentes com a realidade dos fatos. É o que se dá com papisa, episcopisa e canonisa, por exemplo.

Seja como for, o que estamos querendo demonstrar é que, com relação ao gênero é muito difícil estabelecer-se uma "relação fechada" rígida, a exemplo do que acontece com outras flexões.

Para não irmos muito longe em nossas considerações, citamos abaixo algumas palavras colhidas no "corpus" da nossa pesquisa. Algumas delas dificilmente apresentariam formas de feminino, como cabo e mordomo. Com relação às outras, em escala variável de dificuldade, seria insensata qualquer afirmação conclusiva a respeito de pares opositivos:

almirante

chefe

coronel

presidente

fuzileiro

marinheiro

<i>oficial</i>	<i>marujo</i>
<i>sargento</i>	<i>ministro</i>
<i>brigadeiro</i>	<i>ministro-chefe</i>
<i>general</i>	<i>motorneiro</i>
<i>marechal</i>	<i>cônego</i>
<i>vice-rei</i>	<i>pelego</i>
<i>varão</i>	<i>barbeiro</i>
<i>confrade</i>	<i>tanoeiro</i>
<i>cabo</i>	<i>mordomo</i>
<i>sapateiro</i>	<i>contínuo.</i>

Há casos em que as profissões a que se referem os substantivos têm sido exercidas em sua grande maioria, mas não exclusivamente, por homens. Mas um fenômeno lingüístico não tem permitido a fixação da forma feminina, já que ela colide, em homonímia, com a palavra que designa o objeto da profissão:

*músico/*música* *gramático/*gramática*
*crítico/*crítica* *gráfico/*gráfica.*

Finalmente, a questão do gênero, vista sob o ponto de vista estilístico, escapa, muitas vezes, a uma sistematização coerente e permite ao indivíduo utilizar certas formas que normalmente não são aceitas pela ortodoxia gramatical. A "lista", de que nos fala Mattoso Câmara, também aqui, deixa de ser exaustiva e um novo termo pode ser introduzido no quadro existente.

Mário Barreto, no capítulo V dos Novos Estudos da Língua Portuguesa⁽³⁴⁾, apresenta um estudo sobre o gênero,

(34) Mário BARRETO, Novos Estudos da Língua Portuguesa, 1980, pp.74-93.

em que comenta várias formas de substantivos que são empregadas com flexão, quando, normalmente, seria de se esperar que essas formas fossem invariáveis.

O autor cita exemplos da língua literária e, algumas vezes, da linguagem popular. Procurando suportes teóricos para suas considerações na analogia, o autor apresenta inúmeros pares opositivos que contrariam dados de muitas gramáticas:

<i>juiz/juíza</i>	<i>carneiro/carneira</i>
<i>ajudante/ajudanta</i>	<i>frade/frada</i>
<i>hóspede/hóspeda</i>	<i>sujeito/sujeita</i>
<i>gigante/giganta</i>	<i>verdugo/verduga</i>
<i>comediante/comedianta</i>	<i>monstro/monstra</i>
<i>farsante/farsanta</i>	<i>membro/membra</i>
<i>patife/patifa</i>	<i>anjinho/anjinha</i>
<i>biltre/biltra</i>	<i>oficial/oficiala</i>
<i>presidente/presidenta</i>	<i>crianço/criança</i>
<i>indivíduo/indivídua</i>	<i>criaturo/criatura</i>
	<i>figuro/figura.</i>

Mário Pereira de Souza Lima, na Gramática Expositiva da Língua Portuguesa, afirma:

"Na linguagem jocosa dá-se às vezes a um substantivo um gênero que ele normalmente não admite; ou também emprega-se adjetivamente neste outro gênero: o crianço, o pulgo, a pás-sara"⁽³⁵⁾.

(35) Souza LIMA, op. cit. p.307.

Os exemplos citados são apenas quatro, sendo dois deles em função adjetiva. Os outros dois, com função substantiva, são extraídos de Castilho, As Geórgicas:

"Espírita sou eu tão alta em ierarquia,
Que as etérias regiões me são avassaladas."
"E o cão que me acompanha
Em suma, é o próprio cão do tal figuro"(36).

Foi essa margem de liberdade no uso da flexão do gênero do substantivo que permitiu a Guimarães Rosa o emprego de certas formas inusitadas, chegando a atingir nomes -sexuados, que, como sabemos, são totalmente infensos a tais modificações:

"Mãe dêle veio de aviso, chorando e explicando: era criaturo de Deus, que nũ por falta de roupa..."(37)

"O quanto também olhei Diadorim: êle, firme se mostrando, feito veada-mãe que vem aparecer e refugir..."(38)

"Vem um cismo de fio de cabelo no ar, que eu acerto..."(39)

"Aquele silêncio, que pior que uma alarida..."(40)

"Meu senhor: tudo numa estraga extraordinária..."(41)

(36) Souza LIMA, op. cit. pp.307-308.

(37) João Guimarães ROSA, Grande Sertão: Veredas, 1967, p.44.

(38) Id. ib., p.442.

(39) Id. ib., p.131.

(40) Id. ib., p.207.

(41) Id. ib., p.191.

As formas inusitadas que apresentamos em nossas observações pertencem, sem dúvida, ao domínio da fala; estão ligadas ao desempenho de quem as utilizou. Mas, com o emprego estilístico dessas formas, queremos apenas constatar que a ortodoxia gramatical não é tão rígida com relação ao gênero dos substantivos, como é com relação ao número, em que a "lista" é realmente fechada, exaustiva, até mesmo para fins estilísticos. Tal se dá, como vimos, com o gênero do substantivo.

As considerações que acabamos de fazer demonstram que a flexão de gênero, já em si diminuta no quadro geral do gênero em português (4,5% na pesquisa), apresenta uma obrigatoriedade e uma sistematização parciais. Além disso, a nossa vontade pode interferir, ainda que de maneira velada, no quadro de oposições existentes na língua. Foi o que aconteceu, por exemplo, com a criação de formas analógicas de feminino, já numa fase mais tardia da língua. Nomes terminados em -dor, -tor, -or, -sor, -ol, -nte, e -ês, antes invariáveis, apresentam hoje, na sua maioria, uma forma para o masculino e outra para o feminino⁽⁴²⁾. É o que parece estar acontecendo também com formas como presidenta, ministra, chefa, marinheira e outras.

Como segunda conclusão parcial do nosso trabalho, podemos estabelecer que a flexão de gênero apresenta aspectos "sui generis" que a fazem estremar da flexão de número, o que nos obriga a um tratamento especial do problema.

(42) Cf. J. J. NUNES, op. cit., p.225.

CAPÍTULO 5

GÊNERO E CATEGORIA GRAMATICAL

Para a compreensão do problema que estamos estudando, torna-se necessário discutir o motivo que leva as palavras a se flexionarem em uma língua.

Já dissemos anteriormente, citando Mattoso Câmara, que flexão é o "processo de 'flectir', isto é, fazer variar um vocábulo para nele expressar dadas categorias gramaticais" (43).

Chegamos aqui ao conceito de "categoria gramatical", que se torna, a nosso ver, de fundamental importância para a discussão do problema do gênero. Muitos autores já trataram desse assunto. Tomemos, inicialmente, as posições de três lingüistas e vejamos o que há de comum entre elas.

J. Vendryes afirma:

"on désigne sous le nom de catégories grammaticales les notions qui s'expriment au moyen des morphèmes" (44).

(43) Ver supra, p.23.

(44) VENDRYES, op. cit., p.109.

Roman Jakobson, em um artigo a respeito do pensamento de Franz Boas, faz a seguinte observação:

"Estava claro, para Boas, que toda diferença nas categorias gramaticais conduz informação semântica"(45).

Em Mattoso Câmara, lemos:

"Em toda língua há uma distribuição de cada semantema em categorias, o que permite traduzir uma gama de significações de maneira econômica e eficiente, pois do contrário 'seria preciso para a expressão um número infinitamente grande de grupos fonéticos distintos' (Boas, 1911,25)"(46).

Podemos deduzir dessas três posições que dois aspectos são fundamentais para o estabelecimento do conceito que estamos perseguindo: o aspecto do sentido e o aspecto da forma. Deixando de lado, por ora, o problema da forma, voltemos a nossa atenção para o problema do sentido.

5.1- O SIGNIFICADO DAS CATEGORIAS GRAMATICAIS

O estabelecimento das "noções", das "informações semânticas" ou das "significações" tem-se constituído num desafio para os lingüistas, uma vez que essas "noções" são muito variadas nas diversas línguas do mundo. Ao enunciar um substantivo numa frase, o falante da Língua Portuguesa estará enquadrando-o - automática e inconscientemente, é

(45) Roman JAKOBSON, Lingüística e Comunicação, 1969, p.92.

(46) Mattoso CÂMARA, Princípios de Lingüística Geral, p.119.

óbvio - nas categorias de gênero e número. O mesmo se dá com os falantes das línguas românicas e do alemão, por exemplo, em que essas categorias são consideradas "aspectos obrigatórios" da língua. Mas, dentro da nossa cultura ocidental, para não irmos muito longe, tal fato não se dá com o inglês, em que o problema do gênero do substantivo não entra em linha de conta como aspecto obrigatório da língua.

Um cotejo entre uma frase inglesa e uma latina pode nos dar uma idéia melhor do problema. Em "I wrote a friend", como diz pitorescamente Roman Jakobson, "a (...) pergunta (...) de se a carta (...) foi endereçada a um amigo ou uma amiga pode (...) ser abruptamente respondida (...) com um 'Não é da sua conta'"⁽⁴⁷⁾. Já em latim, na frase "scripsi amico", a marca do gênero está inelutavelmente ligada ao vocábulo.

As observações que acabamos de fazer referem-se a línguas conhecidas e mais estudadas pelos lingüistas. Mas o que se dirá das línguas ameríndias, ou das africanas, ou do número elevado de idiomas que se espalham pelo mundo? A questão básica repousa no fato de que não existe uma relação constante entre as categorias lógicas do pensamento e as categorias gramaticais. Uma língua x apega-se a conceitos extremamente difusos e os consubstancia em morfemas que, para nós, falantes do idioma y, parecerão exóticos ou de difícil compreensão. Por outro lado, a recíproca é verdadeira, e as nossas consubstanciações poderão parecer mecanismos demasiadamente complexos para os falantes de outra língua. O que se passa, porém, é que os mecanismos das categorias gramaticais só parecerão complicados e exóticos para o aloglotá e nunca para o falante nativo, que cresceu com eles e

(47) JAKOBSON, op. cit., p.90.

chegou mesmo a balizar o pensamento pelas categorias gramaticais de sua língua, se adotarmos a chamada hipótese Sapir-Whorf.

Por mais complexas e diversificadas que sejam as categorias gramaticais e por mais céticos que se mostrem os lingüistas sobre a possibilidade de se fazer delas uma classificação geral⁽⁴⁸⁾, o conceito de categoria gramatical, nos termos em que foi definido, está sempre relacionado com "noções" ou "informações semânticas". Esse é um dado, a nosso ver, importante e servirá de suporte para as discussões que introduziremos a seguir.

É preciso observar, preliminarmente, que o gênero nas diversas línguas do mundo, não se circunscreve a oposição masculino/feminino, como nas línguas românicas, por exemplo. Outros critérios também podem ser levados em conta, como:

animado, inanimado

humano, não-humano

identificado, não-identificado

específico, geral

tabu, não-tabu

tangível, intangível

concreto, abstrato

referente a tamanho, configuração, substância⁽⁴⁹⁾.

(48) É o que afirmam os seguintes autores:

VENDRYES, op. cit., p.127.

SAPIR, op. cit., p.111.

Mattoso CÂMARA, Princípios de Lingüística Geral, p.125.

(49) Os critérios foram extraídos de: Úrsula WIESEMANN e Rinaldo de MATTOS, Metodologia de Análise Gramatical, 1980, p.71.

Como podemos verificar, certas noções, definidas e delimitadas, são levadas em consideração como critérios para o estabelecimento dos diversos gêneros.

A tradição gramatical portuguesa classifica os substantivos, quanto ao gênero, em masculinos e femininos. Que noções estão consubstanciadas nessa classificação?

Os dados do Quadro nº 1, que estabelecemos à página 22 deste trabalho, servirão de base para a resposta que tentaremos dar a essa indagação. Os substantivos de traço -sexuado não veiculam qualquer informação semântica pelo fato de serem colocados entre os masculinos ou femininos. Nada nos pode esclarecer, sob o ponto de vista sincrônico, por que motivos nomes como óbito, fim ou lugar estão arrolados entre os primeiros e memórias, morte ou campa entre os segundos. O falante simplesmente aprende e fala assim, e não há o que discutir. Esses substantivos constituem a grande maioria em Língua Portuguesa, ou seja, nos textos estudados, 86,2% possuem a marca -sexuado.

Com relação aos nomes que apresentam a marca +sexuado, conforme já vimos à página 18 deste trabalho, há aqueles que, no texto estudado, não apresentam distinção quanto ao sexo e há os que a apresentam. Fixando a nossa atenção sobre os primeiros, podemos dizer que, nas frases abaixo, extraídas do texto de ficção,

"... é possível que o leitor me não creia,
e todavia é verdade.", (p.14, ll.68-69)

"... e fui acompanhado ao cemitério por onze
amigos. Onze amigos!", (p.13, ll. 16-17)

"Vós que os conhecestes, meus senhores,
vós...", (p.13, ll. 21-22)

a referência se faz indistintamente a seres de ambos os sexos ou é possível que a referência se faça indistintamente a seres de ambos os sexos. De qualquer forma, para o leitor (ou leitora) de Machado de Assis não há a possibilidade de especificar se se trata exclusivamente de seres do sexo masculino ou do sexo feminino.

É o mesmo caso de pessoas, em

"...viram-me ir umas nove ou dez pessoas..."

(p.13, ll. 34-35)

em que, claramente, se aplica o que dissemos a respeito de leitor, amigos e senhores. Vemos, portanto, aqui, o traço -distinção.

O gênero, mesmo quando se refere a seres +sexuados, quer quanto à forma, quer quanto ao sentido, apresenta um quadro incoerente e assistemático, conforme vimos no Capítulo 4 deste trabalho. As "noções" normalmente atribuídas ao gênero não são aí expressas com rigor.

A partir dos dados do Quadro nº 2, que apresentamos à página 25 desta dissertação, estabelecemos o Quadro nº 4, com o intuito de demonstrar a proporção dos substantivos em que o gênero carrega, ou não, uma informação semântica. Utilizamos apenas os dados que nos interessam no momento, ou seja, transcrevemos os totais de substantivos afetados pelo traço -sexuado e +sexuado, sendo que, com relação aos últimos, conservamos a subdivisão -distinção e +distinção. Apresentamos também a porcentagem relativa aos números transcritos.

QUADRO 4

Textos	-sexuado		+sexuado				Total	
	nº	%	-distinção		+distinção		nº	%
			nº	%	nº	%		
Técnico	937	93,7	46	4,6	17	1,7	1000	100
De reportagem	856	85,6	47	4,7	97	9,7	1000	100
De memórias	834	83,4	82	8,2	84	8,4	1000	100
De ficção	820	82,0	65	6,5	115	11,5	1000	100
T o t a l	3447	86,2	240	6,0	313	7,8	4000	100

Condensando os dados que nos interessam, temos:

(-sexuado)		+ [+sexuado (-distinção)]		[+sexuado (+distinção)]	
nº	%	nº	%	nº	%
3687	92,2	313	7,8		

Em face do exposto, em que verificamos que a grande maioria dos substantivos - 92,2% - ou apresenta o traço -distinção, ou não leva esse traço em linha de conta, podemos estabelecer como preliminar a uma 3a. conclusão parcial, que o gênero dos substantivos, na quase totalidade dos casos, não veicula informações semânticas.

5.2- A FORMA DAS CATEGORIAS GRAMATICAIS

Dissemos que dois aspectos são fundamentais para o estabelecimento do conceito de categoria gramatical: o aspecto do sentido e o aspecto da forma.

Com relação à forma, vimos, com Vendryes, que as categorias gramaticais são expressas por meio de morfemas (50).

F. Lázaro Carreter, no Dicionário de Términos Filológicos, afirma:

"Hay otras categorías, que se realizan en varias partes del discurso o exclusivamente en una de ellas, denotadas por morfemas específicos. Son las propiamente llamadas categorías gramaticales: género, número, caso, persona, aspecto, voz, tiempo y modo" (51).

No Dicionário de Filologia e Gramática, de J. Mattoso Câmara Jr., lemos:

"Chamam-se assim [as categorias gramaticais] os aspectos do mundo bio-social (52) que são

(50) Ver supra, p. 42.

(51) Fernando Lázaro CARRETER, Diccionario de Términos Filológicos, verbete categoría lingüística.

(52) Apesar de considerarmos que o termo bio-social restringe a ampla gama de significações que pode estar contida nos morfemas, conservamos o conceito do autor, pois estamos interessados aqui na contraparte formal.

levados em conta na organização gramatical de uma língua e aí se simbolizam por meio de morfemas, que multiplicam as aplicações de uma palavra. Assim se consegue uma grande economia de semantemas" (53).

De acordo com as três posições apresentadas, fica claro que as categorias gramaticais são expressas por meio de morfemas.

Quais são os morfemas que veiculam a categoria gramatical de gênero?

No caso dos substantivos que admitem flexão, e que constituem a minoria em nossa pesquisa (4,5%), o morfema é facilmente reconhecido por causa da oposição masculino/feminino:

"... a flexão do gênero em português se resume numa desinência -a para o feminino, oposta a uma desinência ∅ para o masculino" (54).

As desinências -a e ∅ são, portanto, os morfemas da categoria de gênero nos substantivos que admitem flexão.

Quais seriam os morfemas dos vocábulos que não admitem flexão? Em outras palavras, onde estariam os morfemas de 95,5% dos substantivos que colhemos em nossa pesquisa? Como sabemos, são os vocábulos

a. que indicam a diferença de sexo:

- através de sufixos derivacionais. Ex.s:

galo/galinha, poeta/poetisa, barão/baronesa, abade/abadessa, ator/atriz, herói/heróina, etc.;

(53) Mattoso CÂMARA, Dicionário de Filologia e Gramática, verbete categorias gramaticais.

(54) Mattoso CÂMARA, História e Estrutura da Língua Portuguesa, p.77.

- através de pares heterônimos. Ex.s: boi/vaca, pai/mãe, zangão/abelha, genro/nora, etc.;

- através da mudança do artigo. Ex.x: o/a pianista, o/a selvagem, o/a colega, o/a cliente, o/a mártir, etc.;

b. que não especificam o sexo, quer em pessoas, como cônjuge, indivíduo, criança, vítima, etc., quer em animais, como besouro, tatu, águia, jacaré, etc.;

c. portadores do traço -sexuado, como fim, preço, ordem, infância, expressão, árvore, mar, perdão, etc.

Fica claro que vocábulos desse tipo não apresentam, em si, morfemas para indicar a categoria de gênero.

Seria possível admitirmos a hipótese de que os artigos são os morfemas que enquadram os substantivos destituídos de flexão na categoria de gênero?

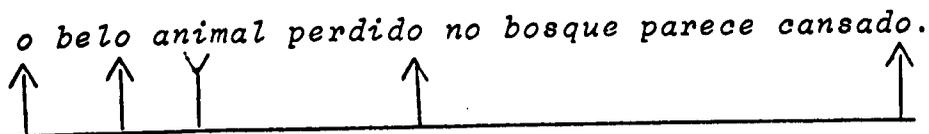
em frase do tipo

o belo animal parece triste,

estabeleceu-se uma relação formal de gênero entre o, belo e animal. Essa relação formal foi feita, a rigor, não através do artigo e do adjetivo com o substantivo, mas através das flexões do artigo e do adjetivo, que passaram a concordar com o substantivo. As classes de palavras não são suficientes para estabelecer uma relação formal de gênero, como em animais selvagens e três fazendas, por exemplo. É a concordância que define essa relação.

Para sermos mais explícitos, em uma frase como *o belo animal perdido no bosque parece cansado,*

foi estabelecida uma relação formal entre animal e todas as palavras possuidoras da marca de gênero (com exceção, é claro, de no, que se liga a bosque). A questão pode ser assim representada:



Por que o artigo seria o morfema de gênero do substantivo? Tal colocação nos facultaria dizer que belo, perdido ou cansado também são morfemas de gênero. Cada um dos determinantes do substantivo animal possui o morfema de gênero que lhe é específico, inclusive o artigo. Mattoso Câmara descreve a flexão do artigo da seguinte maneira:

"O mecanismo da sua flexão de feminino obedece à regra geral do acréscimo da desinência -a. A vogal da forma geral masculina, não marcada, em -o, átono final, como partícula, é suprimida regularmente. Obtém-se assim um feminino a, que é teoricamente (o) + a, com cumulação de radical e desinência"⁽⁵⁵⁾.

Convém ainda assinalar que, em

dezenas de animais selvagens invadiram três fazendas ontem,

na verdade, o gênero não aparece expresso formalmente na frase. Animais e fazendas não estão no gênero masculino e feminino na frase citada, pois não há nada, sob o ponto de vista formal, que nos leve a tal conclusão. Como afirma Mattoso Câmara, a propósito dos substantivos destituídos de

(55) Mattoso CÂMARA, Estrutura da Língua Portuguesa, p.81.

flexão, "o gênero só se torna explícito numa atualização da fala em que aparece um adjetivo de tema em -o em concordância com o substantivo" (56). Marcar os dois substantivos, no contexto em questão, como masculinos e femininos pelo fato de em outros contextos admitirem os artigos "o" e "a" é introduzir uma categoria gramatical que não é expressa na frase. O fato de animais e fazendas não "estarem" na frase citada no masculino e no feminino não quer dizer que essas palavras não "sejam" do gênero masculino e feminino. O mesmo indivíduo que emprega o sintagma animais selvagens, terá a competência para usar animais famintos. O gênero do substantivo é um dado da língua que pode, ou não, aparecer explícito num ato individual da fala.

Se substituirmos selvagens por famintos, a frase citada há pouco ficará assim:

dezenas de animais famintos invadiram três fazendas ontem.

Constatamos que o gênero se torna explícito, não por causa da presença do artigo, mas em decorrência da forma flexionada famintos, que concorda com animais.

A explicitação do gênero não precisa ser feita obrigatoriamente pelo artigo. Mattoso Câmara assim descreve a questão:

"O que há são substantivos de tema em -a, em -o, em -e ou atemáticos, que possuem um gênero determinado implicitamente pelos adjetivos de tema em -o (estes sempre com a flexão de gênero pela oposição -o : -o + -a = -a), que, quando presente, tem de ir para o gêne-

(56) Mattoso CÂMARA, História e Estrutura da Língua Portuguesa, p.78.

ro do substantivo que determinam. Assim, casa é feminino, porque se tem de dizer casa larga e poeta é masculino, porque a expressão correta é poeta maravilhoso"(57).

O que se passa, porém, é que a anteposição do artigo a um nome é, digamos assim, o "teste" mais fácil e imediato para se saber o gênero de uma palavra, uma vez que todos os substantivos da Língua Portuguesa admitem, implícita ou explicitamente, a sua presença. É muito mais cômodo dizer que setente pertence ao feminino com base em a semente, do que em setente híbrida, por exemplo.

O artigo não pode, portanto, ser considerado morfema de gênero do substantivo. Como consequência disso, os substantivos que não admitem a marca do gênero não são portadores de morfemas de gênero. Uma análise formal rígida do problema nos leva à conclusão de que os substantivos destituídos de flexão não estão, isoladamente, nem no masculino, nem no feminino. Fim, mar, livro, diadema, príncipe, herói, jacaré, indivíduo, por exemplo, pertencem ao gênero masculino, porque levam seus determinantes a adquirirem formas de masculino. "Mutatis mutandis", é o que acontece com os substantivos femininos não-flexionados.

Em vista do que acabamos de expor, podemos afirmar, como outra preliminar para a terceira conclusão parcial do nosso trabalho, que o gênero dos substantivos em português, na quase totalidade dos casos, não é expresso por morfemas próprios.

Tal colocação, aliada ao que foi dito a respeito do sentido das categorias gramaticais, nos permite es-

(57) Mattoso CÂMARA, Estrutura da Língua Portuguesa, p.81.

tabelecer a terceira conclusão parcial do nosso trabalho.

Se nos basearmos no conceito de que categorias gramaticais são "noções que se exprimem por meio de morfemas" (58), o gênero não pode ser considerado como categoria gramatical, pelo fato de, na quase totalidade dos casos, não veicular informações semânticas e não ser expresso por morfemas próprios.

(58) Estamos tomando como protótipo dos conceitos vistos até aqui a posição de Vendryes.

CAPÍTULO 6

GÊNERO E MORFOLOGIA

A descrição do gênero do substantivo em português tem sido apresentada em nossas gramáticas, via de regra, como um dos itens da morfologia. A morfologia, por sua vez, tem sido conceituada por alguns autores nos seguintes termos:

Mário Pereira de Souza Lima:

"A parte da Gramática que estuda a constituição de palavras novas, as suas variações de forma e a sua classificação como parte do discurso denomina-se Morfologia (estudo das formas)" (59).

Gladstone Chaves de Melo:

"... é o estudo das palavras (ou formas), tomadas isoladamente (morphē em grego quer dizer 'forma')" (60).

Rocha Lima:

"... estudo das formas, sua estrutura e classificação..." (61).

(59) Souza LIMA, op. cit., p.282.

(60) Gladstone Chaves de MELO, op. cit., p.13.

(61) Rocha LIMA, Gramática Normativa da Língua Portuguesa, 1972, p.6.

Evanildo Bechara:

"A Gramática estuda:

- a) os sons da fala: Fonética e Fonêmica
- b) as formas: Morfologia
- c) as construções: Sintaxe
- d) os sentidos e suas alterações: Semântica"⁽⁶²⁾.

Celso Pedro Luft:

"Parte da Gramática que se ocupa do sistema mórfico da língua, do aspecto formal das palavras"⁽⁶³⁾.

O texto da NGB estabelece:

"Trata a Morfologia das palavras:

- a) quanto a sua estrutura e formação;
- b) quanto a suas flexões; e
- c) quanto a sua classificação"⁽⁶⁴⁾.

Morfologia é, em síntese, segundo as citações, o estudo das palavras, consideradas sob o aspecto da forma.

Os autores apontados e a NGB incluem o estudo do gênero na morfologia. Conseqüentemente, o gênero deve ser encarado como um dos itens do estudo das formas das palavras.

São poucos os gramáticos brasileiros que não descrevem o gênero da maneira apresentada acima.

Celso Cunha não usa o termo morfologia e inclui o gênero no estudo da morfo-sintaxe.⁽⁶⁵⁾

(62) Evanildo BECHARA, op. cit., p.25.

(63) Celso LUFT, op. cit., p.89.

(64) Antenor NASCENTES, op. cit., p.10.

(65) Celso CUNHA, Gramática da Língua Portuguesa, p.186.

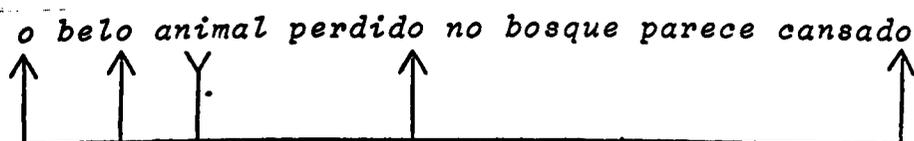
Said Ali não emprega também o termo em questão, preferindo em seu lugar lexiologia, que define como sendo o "estudo dos vocábulos". O autor esclarece que a lexiologia "não examina os vocábulos um por um, como o faz o dicionário. Divide-os em um pequeno número de grupos ou categorias e registra os fatos comuns e constantes e os fatos variáveis e excepcionais"⁽⁶⁶⁾. O gênero é incluído por Said Ali na lexiologia.

O estudo do gênero como parte da morfologia apresenta algumas incoerências, conforme passamos a demonstrar.

Em primeiro lugar, como vimos em nossa pesquisa, 95,5% dos substantivos não apresentam variação de forma pelo fato de estarem no masculino ou no feminino. Em outras palavras, o gênero não afeta a forma da grande maioria dos substantivos em português. Apenas 4,5% dos substantivos sofrem variação de forma para indicar o gênero.

Em segundo lugar, conforme vimos no Capítulo 5 deste trabalho, quando discutimos as relações entre as categorias gramaticais e o gênero, numa frase como

o belo animal perdido no bosque parece cansado, foi estabelecida uma relação formal entre animal e todas as palavras possuidoras da marca de gênero (com exceção de no, é claro, que se liga a bosque). Mostramos também que a questão pode ser representada da seguinte maneira:

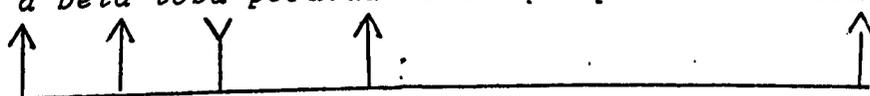


(66) Said ALI, op. cit. p.83.

Através do exemplo, vemos que o substantivo ani-
mal não sofre variação de forma, mas há quatro marcas es-
pecíficas na frase para indicar que o gênero está presente.

É preciso observar ainda que, mesmo nos casos em
que o substantivo recebe a marca de flexão, o fenômeno do
gênero não se restringe ao substantivo, mas atinge todos os
determinantes flexionáveis com ele relacionados, como po-
demos verificar na frase seguinte, em que substituímos
animal por loba:

a bela loba perdida no bosque parece cansada



Como quarta conclusão parcial deste trabalho, po-
demos afirmar que o gênero do substantivo em português não
se circunscreve à morfologia, mas está relacionado também
com o plano sintático da língua.

CAPITULO 7

CONCLUSÃO DA PARTE I

Na primeira parte desta dissertação, fixamos quatro conclusões parciais, que transcrevemos aqui, para facilitar o trabalho de síntese.

- Gênero e flexão:

Os substantivos classificam-se em masculinos ou femininos, independentemente de admitirem flexão. É preciso, portanto, desvincular o conceito de gênero do conceito de flexão.

- Gênero e número:

A flexão de gênero apresenta aspectos "sui generis" que a estremam da flexão de número, o que nos obriga a um tratamento especial do problema.

- Gênero e categoria gramatical:

Se nos basearmos no conceito de que categorias são "noções que se exprimem por meio de morfemas", o gênero não pode ser considerado como categoria gramatical, pelo fato de, na quase totalidade dos casos, não veicular informações semânticas e não ser expresso por morfemas próprios.

- Gênero e morfologia:

O gênero do substantivo em português não se circunscreve à morfologia, mas está relacionado também com o plano sintático da língua.

A síntese das conclusões parciais pode ser assim apresentada.

O gênero do substantivo em português não se confunde com flexão, não se restringe à morfologia e apresenta características diferentes das de flexão de número. Além disso, não pode ser considerado uma categoria gramatical, nos termos em que foi definida.

P A R T E I I

CARACTERIZAÇÃO DO GÊNERO DO SUBSTANTIVO EM PORTUGUÊS

Pretendemos, na segunda parte deste trabalho, caracterizar o gênero do substantivo em português. Para tanto, usaremos o método indutivo, operando por aproximações gradativas. Sem a intenção de estabelecer grupos estanques, começaremos analisando os textos daqueles autores que, ao tratarem do gênero, não o vinculam à flexão, quer parcial, quer totalmente, sem, todavia, se referirem ao plano sintático. Em seguida, apresentaremos e discutiremos as posições daqueles autores que tratam do assunto numa perspectiva mais ampla, ligando-o ao problema da concordância. Finalmente, fixaremos a nossa atenção sobre aqueles que partem do campo sintático para definir o fenômeno, sem deixar de lado o aspecto formal das palavras envolvidas na questão.

Feito esse estudo, estabeleceremos o conceito de gênero e, com base nesse conceito, tentaremos resolver alguns problemas que foram levantados na primeira parte deste trabalho.

CAPÍTULO 1

CONCEITUAÇÃO DE GÊNERO

Dentre os autores que desvinculam o problema do gênero do problema da flexão, sem se referirem explicitamente ao plano sintático, citaremos, de início, Evanildo Bechara e Said Ali.

Evanildo Bechara introduz em sua gramática a questão do gênero dos substantivos da seguinte maneira:

"Gênero do substantivo. - A nossa língua conhece dois gêneros: o masculino e o feminino.

São masculinos os nomes a que se pode antepor a palavra o:

o linho, o sol, o raio, o prazer, o filho,
o beijo.

São femininos os nomes a que se pode antepor a palavra a:

a flor, a casa, a mosca, a nuvem, a mãe".⁽⁶⁷⁾

Cumpramos, porém, assinalar, como fizemos à página 27 deste trabalho, que o autor, no capítulo sobre o adjetivo, afirma:

(67) Evanildo BECHARA, op. cit., p.83.

"Flexões do adjetivo. - Como o substantivo, o adjetivo pode variar em número, gênero e grau".

Vimos também que o autor apresenta o gênero do substantivo como um item da morfologia.

Said Ali introduz em sua gramática a questão do gênero da seguinte maneira:

"GÊNERO dos substantivos é a distinção que em português fazemos entre masculino e feminino.

MASCULINO é todo nome a que se pode antepor o artigo o, ou ajuntar qualificativos terminados em -o, e é substituível pela palavra eles: (68)

O dia claro

O intenso calor.

O pano é liso. Ele me agrada.

José é estudioso. Ele não gosta de brincar.

FEMININO é o nome a que se antepõe a artigo a, ou a que se ajuntam qualificativos terminados em -a, e pode ser substituído pelo vocábulo ela:

A noite escura.

A medonha tempestade.

A parede é grossa. Ela não cairá.

A ponte era fraca. Ela não suportava tanta quantidade de peso" (69).

Como se observa da posição de Said Ali, não é feita qualquer vinculação entre o gênero dos substantivos e

(68) Leia-se ele, em vez de eles. Trata-se de um evidente erro tipográfico.

(69) Said ALI, op. cit., p.33.

a flexão dos vocábulos. Já vimos que este autor submete o estudo do gênero à lexicologia.

Celso Cunha vincula o estudo do gênero dos substantivos à flexão dos vocábulos. Esse estudo é feito sob o título geral de morfo-sintaxe,⁽⁷⁰⁾ mas o autor não faz qualquer consideração teórica a respeito desse termo. Na morfo-sintaxe são estudadas as classes de palavras em seus vários aspectos, como classificação, variação, função, etc.

Mário Pereira de Souza Lima submete o gênero do substantivo à flexão nominal. Além disso, esse estudo faz parte da morfologia, conforme pudemos constatar pela definição que transcrevemos à página 56 deste trabalho e que aqui reproduzimos:

"A parte da GRAMÁTICA que estuda a constituição de palavras novas, as suas variações de forma e a sua classificação como partes do discurso denomina-se MORFOLOGIA (estudo das formas)".

A Gramática de Mário Pereira de Souza Lima não apresentaria nenhum aspecto relevante para o estudo da Língua Portuguesa, se nos baseássemos apenas em dados isolados como o que apresentamos acima. Na verdade, porém, essa Gramática apresenta certas colocações que a caracterizam de maneira peculiar e têm relação com o ponto de vista que estamos pretendendo adotar. Essas colocações referem-se antes a questões gerais do que a pormenores. Basta dizer, por exemplo, que o autor começa a sua Gramática pelo estudo da sintaxe. Essa ordem, desusada para a época e pouco comum nos dias de hoje, é assumida e justificada pelo autor, que,

(70) Celso CUNHA, Gramática da Língua Portuguesa, p.186.

no "Prefácio", afirma:

"... vimo-nos forçados a alterar em grande parte a disposição tradicional da matéria, e isto dará, por ventura, a certos leitores, uma desagradável impressão de falta de método"(71).

É claro que a simples inversão de ordem das partes da gramática poderia não ser, obrigatoriamente, fruto de uma posição doutrinária. No caso de Mário Pereira de Souza Lima, no entanto, a ruptura com a tradição deveu-se a um ponto de vista epistemológico:

"Quer isto dizer que o estudo da Gramática começará pela Sintaxe? Mas 'a Sintaxe considera os mesmos fatos de linguagem que a Morfologia, e assim qualquer separação entre estas duas disciplinas, fundada em uma pretensa diversidade dos fatos considerados, desfecha na confusão e no arbítrio'. O que distingue uma de outra é, como dizem os lógicos, apenas o objeto formal, isto é, o aspecto sob o qual cada uma delas aprecia os mesmos fatos: considerando-os a Morfologia como um sistema de flexões, e considerando-os a Sintaxe como a expressão de um sentido global, ou como grupos ou termos em que este sentido eventualmente se decompõe. Na realidade, pois, 'o chamado estudo da formação das palavras (morfologia) não pode separar-se absolutamente do estudo da ligação das

(71) Souza LIMA, op. cit., p.9.

palavras e da frase, seja qual for a definição que se dê de um e de outro"(72).

A posição teórica de Mário Pereira de Souza Lima apresenta, portanto, como um de seus pressupostos, a interdependência entre morfologia e sintaxe.

Amado Alonso e Pedro Henríquez Ureña chamam a atenção para o problema do gênero do substantivo já nas palavras introdutórias da Gramática Castellana e assim o explicam:

"Coincidimos igualmente con Bello en rechazar la idea del género como una división de todos los seres o cosas en dos grupos, según el sexo real o el que antropomórficamente se les atribuye: lo explicamos sobre la base de la concordancia con el adjetivo"(73).

No corpo do livro, os autores definem com mais precisão o gênero do substantivo. Depois de afirmarem que os adjetivos biformes se flexionam pelo fato de se ligarem a substantivos, Amado Alonso e Pedro Henríquez Ureña declaram:

"A esta condición general de los sustantivos, de requerir la una o la otra terminación de los adjetivos, se llama género, y, según ella, todos los sustantivos del idioma se dividen en dos grupos o clases..."(74).

Logo em seguida, os autores sintetizam e definem a questão:

(72) Souza LIMA, op.cit., p.8.

(73) Amado ALONSO e Henríquez UREÑA, op. cit., p.8.

"El género es una clasificación puramente gramatical de los sustantivos en dos grupos, masculinos y femeninos, según la terminación del adjetivo acompañante"(75).

Concluimos, portanto, que o tratamento que Amado Alonso e Henríquez Ureña dão ao género do substantivo é ao mesmo tempo morfológico e sintático (76).

Cumpre assinalar que na Gramática Castellana o género não aparece vinculado à flexão, do mesmo modo como não há qualquer referência ao termo morfologia. Uma relevância especial é dada à sintaxe, a começar pela primeira lição do livro, que se intitula "la oración y sus clases".

Vendryes não estabelece uma relação clara entre o género e a morfologia de uma língua, mas o tratamento que dá ao problema é implicitamente morfológico, quando afirma:

"Ainsi, le genre et le nombre (...) sont des catégories grammaticales dans les langues où des morphèmes spéciaux servent à exprimer ces notions"(77).

Mas, ao tratar especificamente do género, Vendryes apresenta uma solução morfo-sintática para o problema:

"En quoi donc consiste le genre indo-européen?
En une question d'accord. Ce qui fait que patēr est masculin en grec, c'est qu'on dit ō patēr agathōs; et mēter féminin, c'est qu'on dit

(75) Amado ALONSO e Henríquez UREÑA, op. cit., p.61.

(76) Deixamos de citar e analisar a posição de Rocha Lima, porque o gramático brasileiro segue os passos de Alonso e Ureña com relação ao assunto, citando, inclusive, trechos do livro desses autores. Cf. Rocha LIMA, op. cit., p.65-66.

(77) VENDRYES, op. cit., p.109.

ē mēter agathē. L'article et l'adjectif qui se rapportent au substantif ont suivant le genre du mot une forme différente" (78).

O que define o gênero do substantivo para Vendryes é, portanto, a concordância.

A. Martinet estuda a questão do gênero numa perspectiva sintática, com repercussões no campo morfológico. A propósito do sintagma "la grande montagne blanche", o autor comenta:

"O que se encontra no nosso enunciado são monemas ou combinações de monemas ditos 'de gênero feminino', cujo significante é normalmente descontínuo por isso que, além da sua expressão central (aqui /... mō taⁿ .../), ele se manifesta em outros pontos do enunciado: /la .../, /...ād.../, /...āš/, em vez de /l.../, /...ā.../, /...ā/ que apareceriam se substituíssemos montagne por rideau" (79).

O autor emprega o termo "acordo" para designar a concordância dos monemas descontínuos. Logo a seguir, lemos algumas considerações a respeito do problema em português:

"O português é particularmente rico em casos de acordo, na medida em que significa repetidamente nos enunciados um mesmo monema: além das traduções dos exemplos franceses citados - os animais pastam, a grande montanha branca -, comparem-se outros enunciados

(78) VENDRYES, op. cit., p.113.

(79) André MARTINET, Elementos de Linguística Geral, 1964, p.105.

em que os monemas 'masculino', 'feminino', 'singular', 'plural' são significados em vários pontos: por exemplo, o Conselheiro era alto, magro, e tinha o pescoço entalado num colarinho direito; a consulesa recebe durante meia hora as senhoras desejosas de lhe apresentarem cumprimentos;"(80)

Vemos, portanto, com A. Martinet, que o gênero não se limita a uma questão de flexão de palavras. Além disso, não constitui apenas um item da morfologia. O autor adota uma perspectiva mais ampla para a solução do problema.

Bloomfield discute o gênero em um capítulo intitulado Sintaxe. Sua perspectiva não difere, em essência, das de Alonso/Ureña, Vendryes e Martinet:

"These genders are arbitrary classes, each of which demands different congruence-forms in certain kinds of accompanying words"(81).

H. A. Gleason coloca em primeiro plano o aspecto sintático do gênero, quando afirma que a sua função principal está relacionada com a concordância. Sobre o gênero, afirma:

"En fait la meilleure définition en est probablement une série de sous-classes syntaxiques de noms, dont la fonction première est de régir l'accord"(82).

(80) Id. ib., p.61.

(81) L. BLOOMFIELD, Language, 1967, p.192.

(82) H. A. GLEASON, Introduction à la Linguistique, 1969, p.181.

Esse tratamento francamente sintático do problema é confirmado linhas adiante:

"... le genre est en grand partie une classification linguistique des noms en groupes arbitraires fait à des fins syntaxiques"(83).

Mas o autor não deixa de lado os aspectos morfológicos da questão:

"Les genres sont essentiellement des catégories syntaxiques, mais ils peuvent être pertinents en ce qui concerne la flexion"(84).

A maioria dos autores estudados até agora coloca o problema do gênero no campo sintático. Mas a visão que nos parece mais profunda e esclarecedora da questão é a de R. H. Robins, apresentada no livro Linguística Geral. (85) Além disso, suas considerações são importantes para o nosso trabalho, pois vêm resolver muitos dos problemas que levantamos na primeira parte desta dissertação, tais como gênero e flexão, gênero e categorias gramaticais, sentido e forma das categorias gramaticais, etc. Como nos deteremos mais longamente na análise da posição desse autor, convém expor algumas de suas colocações anteriores, que, certamente, irão trazer subsídios para a fixação do conceito de gênero.

A respeito de gramática, R. H. Robins afirma:

"A gramática preocupa-se com a estrutura das segmentações distintas da expressão falada ou escrita, e com o agrupamento e a classificação dos elementos que regularmente ocor-

(83) Id. ib., p.182.

(84) Id. ib., p.183.

(85) R. H. ROBINS, Linguística Geral, 1981.

rem nos enunciados, em virtude dos lugares funcionais que ocupam e das relações que contarem uns com os outros dentro das estruturas" (86).

Embora não deixe de lado a dimensão paradigmática da língua; pois faz referência à "estrutura das segmentações distintas", o que se pode deduzir da posição teórica de R. H. Robins, é que a dimensão sintagmática deve constituir-se no fulcro de toda descrição gramatical. Tal posicionamento pode ser rastreado amiúde nos capítulos 59, 69 e 79 de seu livro, em que apresenta discussões a respeito de gramática:

"Ao tomar-se a palavra como uma unidade gramatical básica, pode-se dizer que o centro da gramática é aquela parte que trata das inter-relações padronizadas das palavras nas frases de uma língua e dos meios de analisá-las e formulá-las sistematicamente. Esta é a esfera tradicional da sintaxe, e pode ser sustentado com certa razão que a sintaxe é a parte mais importante da gramática. É lamentável que até recentemente a estrutura da frase tenha recebido menos atenção do que a estrutura da palavra, a esfera da morfologia, e que algumas vezes ela seja impropriamente negligenciada no ensino das línguas" (87).

Seria demasiado ocioso perpassar todas as colocações em que o autor aponta para a relevância da sintaxe

(86) Id. ib., p. 168.

(87) Id. ib., p. 210.

na descrição gramatical. Citemos apenas mais um passo, em que R. H. Robins sai de seu comedimento habitual, para chamar a atenção para o problema:

"Esses tipos de relacionamento, que virtualmente compreendem o todo da gramática formal de algumas línguas, são o coração de toda a gramática e a sua condição indispensável. A relegação da sintaxe a um lugar tardio e às vezes um tanto insignificante na descrição de uma língua ou exposição de teoria gramatical é quase desastrosa"⁽⁸⁸⁾.

É claro que a primazia da sintaxe sobre a morfologia não é um ponto de vista dogmático estabelecido primordial ou exclusivamente por R. H. Robins. Afinal, todo o arcabouço teórico da Gramática Gerativo-Transformacional, por exemplo, tem seus fundamentos na sintaxe. Mas o que há de básico na teoria gramatical exposta por esse lingüista é o aspecto generalizador de suas considerações, que encontra uma ressonância coerente no tratamento dos causuísmos que as línguas em geral apresentam. É o caso, por exemplo, do conceito de categoria gramatical, que, apoiado em premissas sintáticas, vai servir de base para o conceito de gênero, que estamos tentando estabelecer.

O conceito de categoria gramatical é fixado com as seguintes palavras:

"Assim como diferentes nomes são dados como rótulos úteis a classes de palavras formalmente definidas, diferentes nomes ou rótulos também são dados aos tipos de relação formal

(88) Id. ib., p. 229.

entre palavras e grupos de palavras tais como foram esboçados acima. (...) Esses rótulos e outros semelhantes mencionados em seções anteriores, são as categorias gramaticais"(89).

A essência do conceito de categoria gramatical está, por conseguinte, nas palavras: "tipos de relação formal entre palavras e grupos de palavras".

Na página seguinte, o autor esclarece a sua posição:

"... as relações sintáticas entre os membros de classes de palavras acompanham-se de formas morfológicas específicas em algumas ou todas as palavras variáveis envolvidas. Tais exigências sintáticas são a base da divisão do conjunto total de formas das palavras variáveis em várias categorias (exemplificado pelas tradicionais categorias de número, gênero, tempo, pessoa, caso, etc.)"(90).

Ao se tratar especificamente do gênero, a posição de R. H. Robins não vai ser, em essência, diferente das posições de alguns autores citados até agora:

"Em francês, assim como em várias outras línguas, os substantivos dividem-se em duas classes, de acordo com as formas do artigo e adjetivos por eles exigidos; estas duas divisões da categoria de gênero são chamadas de masculino e feminino"(91).

(89) Id. ib., p. 228.

(90) Id. ib., p. 229.

(91) Id. ib., p. 230.

Mas cumpre assinalar, seguindo de perto as palavras do autor, que, na verdade, as diferenças morfológicas só têm razão de ser, se entendidas como traços que "ajudam a marcar" as relações sintáticas:

"As diferenças morfológicas nas formas das palavras são gramaticalmente pertinentes, e são classificadas sob vários títulos e categorias, em virtude das diferentes construções sintáticas que elas permitem às palavras realizar nas frases, e das diferentes relações sintáticas que elas ajudam a marcar" (92).

Algumas evidências apontadas na primeira parte deste trabalho, aliadas a conceitos fixados por autores estudados até aqui, e, principalmente, as considerações de R. H. Robins, permitem-nos estabelecer certos fundamentos que servirão de base para a fixação do conceito de gênero do substantivo em português.

É preciso, portanto, levar em consideração os seguintes posicionamentos teóricos:

a) a questão do gênero é, primordialmente, um problema sintático;

b) o fato de caracterizarmos o gênero como um fenômeno sintático não vai definir a questão, se não for levado em conta o aspecto morfológico das palavras envolvidas;

c) o gênero do substantivo não é definido pelo substantivo, mas através de seu determinante flexionável.

Estabelecidos esses dados teóricos, podemos definir o gênero do substantivo como sendo uma relação morfo-

(92) Id. ib., p. 239.

sintática que se estabelece entre o substantivo e seu determinante. Se o determinante adquirir a forma marcada -a, o substantivo será feminino. Se, em oposição, a forma do determinante for não-marcada (morfema \emptyset), o substantivo será masculino.

CAPÍTULO 2

SIGNIFICADO E FORMA DO GÊNERO

Definido o gênero como uma relação morfo-sintática que se estabelece entre o substantivo e seu determinante, estamos em condições de resolver outros problemas que foram levantados na primeira parte deste trabalho, em que discutimos questões relativas a gênero e flexão, gênero e categorias gramaticais, gênero e número e gênero e morfologia. Não nos é possível retomar, item por item, as discussões apresentadas, uma vez que o tratamento de um dos problemas está relacionado com o de outros. Foi o que aconteceu, por exemplo, quando fixamos o conceito de gênero e fomos obrigados a debruar uma solução estritamente morfológica para o problema.

Discutiremos a seguir, duas colocações que permanecem um pouco indefinidas, mesmo depois de fixado o conceito de gênero.

Em primeiro lugar, iremos discutir questões relativas ao "sentido" do gênero e, mais especificamente, ao sentido das formas gramaticais envolvidas na fixação do gênero.

Em segundo lugar, trataremos de questões relativas ao fato de que o conceito de gênero que procuramos fixar neste trabalho, é apoiado em evidências formais da lín-

gua. A fim de que os contornos dessa definição sejam estabelecidos com mais nitidez ainda, vamos tentar resolver alguns problemas relativos à forma da categoria gramatical de gênero, que não ficaram suficientemente esclarecidos no desenrolar de nossas discussões.

Ao discutir esses dois lados do problema, iremos, ao mesmo tempo, fazer um paralelo entre a categoria de gênero e a de número, tentando resolver as questões levantadas por nós na primeira parte do trabalho.

2.1- O SIGNIFICADO DA CATEGORIA DE GÊNERO

A questão do "sentido" do gênero já mereceu, de nossa parte, algumas discussões, quando estabelecemos relações entre gênero e categoria gramatical. Tudo nos levava a crer que uma determinada categoria gramatical deveria, obrigatoriamente, expressar uma "noção" definida e delimitada. É que estávamos nos apoiando no ponto de vista segundo o qual categorias gramaticais são "noções que se exprimem por meio de morfemas". Essas palavras, que são de Vendryes, constituíram a posição que serviu de protótipo para as nossas discussões.

Verificamos, porém, através do levantamento de dados no "corpus" de nossa pesquisa, que a grande maioria dos substantivos - 92,2% - ou apresenta o traço -distinção ou não leva esse traço em linha de conta. Concluimos que o gênero dos substantivos, na quase totalidade dos casos, não veicula informações semânticas⁽⁹³⁾.

(93) Ver supra, p. 49.

Diante da situação criada, em que não havia possibilidade de enquadrar o gênero no conceito de categoria gramatical, optamos por uma reformulação desse conceito. Apoiando-nos no aspecto formal do fenômeno, chegamos à conclusão, com R. H. Robins, de que categorias gramaticais são tipos de relação formal que se estabelecem entre palavras e grupos de palavras. Tal posicionamento nos permitiu dar ao gênero um tratamento exclusivamente formal. Foi por isso que o definimos como uma relação morfo-sintática que se estabelece entre o substantivo e seu determinante.

Permanece, no entanto, a pergunta feita ainda há pouco: como deve ser tratada, de um modo geral, a questão do "sentido" do gênero, e, de um modo específico, a questão do "sentido" das formas gramaticais envolvidas na categoria de gênero?

Não há dúvida de que uma das preocupações fundamentais daquele que se ocupa com a tarefa de análise e descrição de uma língua está relacionada com o nível semântico. Mas haveria interesse, por parte do lingüista, em fixar correspondências entre as formas lingüísticas e os significados a elas relacionados? Transcrevemos as palavras de R. H. Robins a respeito do assunto:

"A resposta apropriada é que o lingüista está vitalmente interessado nestes assuntos; embora teorias do significado e as técnicas disponíveis para sua análise e determinação ainda necessitem elaboração e sistematização, é, sem dúvida, parte do dever da descrição gramatical tentar fazer uma relação dos tipos de função semântica, aos quais é atribu-

ída a alteração de graus em elementos e categorias gramaticais" (94)

Na elaboração desta dissertação, entramos em contato com as teorias de alguns autores que tratam do problema do sentido expresso pela categoria de gênero. Pudemos compulsar a tese da Prof.a Maria Tereza Biderman, A Categoria do Gênero (95), em que a autora tece extensas e profundas considerações a respeito da origem do gênero nas línguas indo-européias. Não é objetivo nosso discutir o problema sob o ponto de vista histórico. Isso nos distancia bastante do problema que temos em mente. Há algumas teorias que explicam a gênese da categoria de gênero, com base em aspectos semânticos, como, por exemplo, a exposta por Meillet em Linguistique Historique et Linguistique Générale (96) e discutida exhaustivamente por Maria Tereza Biderman. Mas o gênero deve ser encarado, sob o ponto de vista sincrônico, como uma divisão arbitrária. É esse, aliás, o denominador comum das posições que colocamos aqui, quando expusemos os vários conceitos de gênero.

É bem verdade que existe uma certa correlação entre o gênero masculino, de um lado, e pessoas do sexo masculino e animais machos, de outro. "Mutatis mutandis", é o que acontece com o feminino. Mas, mesmo no âmbito dos seres vivos, essa correlação não é sistemática e coerente, como pudemos ver na primeira parte do nosso trabalho. Há, porém, um fator ponderável para que haja essa crença generalizada de que as palavras da Língua Portuguesa dividem-se em mas-

(94) ROBINS, op. cit., p. 257.

(95) Maria Tereza Camargo BIDERMAN. A Categoria do Gênero. Tese de livre-docência inédita. Universidade de São Paulo, 1974, 2 v.

(96) A. MEILLET, Linguistique Historique et Linguistique Générale, 1965, pp. 221-229.

masculinas e femininas pelo fato de se ligarem a seres do sexo masculino ou feminino. Referimo-nos ao fenômeno da concordância.

Numa frase como,

a cascavel fanática sucumbiu resignada aos golpes de facão,

o substantivo cascavel, por si, invariável, leva seus determinantes a adquirirem formas de feminino. Se quiséssemos continuar a frase, diríamos que "ela sofreu muito antes de morrer", usando o pronome anafórico no feminino. Mesmo quando não há um substantivo ou pronome expresso, muitas vezes a concordância se faz, levando em conta o sexo da pessoa envolvida; podemos observar isso num simples "obrigada" pronunciado por uma mulher. Todos sabemos que a Língua Portuguesa é extremamente rica em flexões de adjetivos biformes que apresentam a forma feminina marcada em -a. É o caso de adjetivos: bonito/-a, rico/-a, sujo/-a, amarelo/-a, etc. Acrescente-se a isso o fato de que, em sua maioria, os sufixos formadores de adjetivos permitem que as novas palavras sejam biformes quanto ao gênero: luterano/-a, judáico/-a, ciumento/-a, cantesco/-a, inglês/-a, etc. Não podemos também nos esquecer de que os participios portugueses admitem variação de gênero e constitui prática bastante comum em nossa língua o seu emprego como adjetivos. cremos que não há necessidade de fazer referência pormenorizada a todos os tipos de palavras que se flexionam pelo fato de acompanharem o substantivo; é o caso dos artigos, de quase todos os pronomes e de alguns numerais.

O fenômeno da concordância de gênero é tão forte e está tão presente na frase portuguesa, que parece haver uma espécie de coerção das formas marcadas sobre as

não-marcadas, para que resulte uma construção mais harmônica sob o ponto de vista de distribuição de formas. É por isso que em frases como "tinha menos pessoas sentadas que em pé" e "hoje estou meio cansada", há uma tendência, na linguagem popular, para flexionar os advérbios.

As considerações que acabamos de fazer nos levam a interpretar a confusão que se estabelece entre gênero e sexo da seguinte maneira: muitas vezes o substantivo pertence a um gênero arbitrário, como é o caso do feminino cascavel, mas a concordância pode ser assinalada tantas vezes nos determinantes, que a frase adquire, se é que podemos dizer assim, uma feição feminina. Podemos compreender melhor essa "feição feminina" da frase, se tivermos como núcleo do sintagma um substantivo que se refira especificamente à fêmea de um animal:

a leoa faminta sucumbiu resignada aos golpes de facão.

As marcas de concordância dos determinantes de cascavel são as mesmas dos determinantes de leoa. No caso de leoa, há uma relação de sentido entre o gênero do nome e o referente. No caso de cascavel, essa relação é arbitrária, pois cascavel pode ser tanto macho quanto fêmea. Mas como há uma coincidência de formas nas marcas de concordância, a idéia de feminino perpassa por toda a frase. Também os seres inanimados levam seus determinantes a adquirir formas de masculino ou de feminino, como em

a pedra pontuda foi atirada longe.

Essa harmonia de formas, que faz com que determinantes de nomes -sexuados se comportem da mesma maneira que determinantes de seres +sexuados, é que contribui para que haja a crença generalizada de que os substantivos estão

ligados à noção de sexo. Isso está aliado à idéia de que os nomes de seres sexuados que fazem parte do vocabulário fundamental de uma língua e que estão, portanto, mais ligados ao dia a dia das pessoas, apresentam normalmente duas formas, quer como heterônimos, quer como resultantes de flexão. Apesar de serem menos freqüentes, pelo menos no "corpus" de nossa pesquisa, são mais marcantes quando se trata de delimitar os nossos limites vivenciais, pois estamos intimamente ligados à imagem do pai ou da mãe, do irmão ou da irmã, do professor ou da professora, do marido ou da mulher, etc. Ora, se isso acontece com os seres vivos que nos rodeiam, também não acontecerá com outros seres vivos ou até mesmo com seres inanimados?

O ponto de vista científico, que se baseia a análise objetiva dos dados da língua, constata, porém — como fizemos na primeira parte deste trabalho — que o gênero dos substantivos, na quase totalidade dos casos, não veicula informações semânticas.

Os autores que tratam desse assunto são unânimes em afirmar que, sob o ponto de vista sincrônico, não há base semântica que possa explicar a divisão dos nomes em masculinos e femininos. Bloomfield, com sua atitude behaviorista, chega a ser irônico quando trata do problema:

"There seems to be no practical criterion by which the gender of a noun in German, French, or Latin could be determined: to define the meaning of the episememe 'masculine' in such a language would be simply to list the markers of masculine nouns and the nouns that belong arbitrarily to the class, and to say that whatever is common, in the practical world,

to all these objects is the 'meaning of the masculine gender category'(97).

Como podemos verificar, estamos diante não de ~~uma tarefa~~ difícil, mas impossível.

Ao constatar a impossibilidade de fixarmos o significado da categoria gramatical do gênero, não queremos ficar em débito com as palavras de R. H. Robins, segundo as quais é "parte do dever da descrição gramatical tentar fazer uma relação dos tipos de função semântica, aos quais é atribuída a alteração de graus em elementos e categorias gramaticais"(98). O não-cumprimento desse débito pode ser justificado com alguns argumentos, levantados, em sua maioria, pelo próprio lingüista.

É preciso considerar, primeiramente, que a depressão do significado das formas gramaticais, embora seja tarefa do lingüista, não deve ser considerada como um ponto de partida nas investigações:

"Será proveitoso investigar os tipos de funções semânticas (até o ponto em que estas possam ser estabelecidas) que são atribuíveis a diferentes aspectos gramaticais em uma língua e até que ponto tais correlações semânticas e gramaticais podem ser provadas; isto, porém, deve ser realizado somente depois que a análise formal da língua em estudo tenha sido levada a efeito"(99).

(97) BLOOMFIELD, op. cit., p.280.

(98) Ver supra, pp. 79-80.

(99) ROBINS, op. cit., p. 172.

Já aqui observamos que a fixação dos significados expressos pelas formas gramaticais não adquire um caráter de necessidade absoluta. Será "proveitoso" estabelecer esses significados, até o ponto em que eles "possam ser estabelecidos". O que se verifica é que, na prática da descrição linguística, essa tarefa é, às vezes, extremamente difícil. Há categorias em que a contraparte semântica pode ser facilmente estabelecida, como é o caso do número, em que o significado só pode ser sistematicamente estabelecido em alguns poucos vocábulos. É o que diz R. H. Robins, com as palavras:

"Correlações semânticas de categorias formalmente estabelecidas podem variar desde a aproximação tolerável até a extrema indeterminação" (100).

Ao se referir ao gênero, o autor é ainda mais claro e objetivo:

"Quase nunca é possível dar-se um significado próprio a terminações que assinalam o caso acusativo nos substantivos latinos, ou às categorias de gêneros masculino e feminino, bem como às partes das palavras que os assinalam nos substantivos franceses referentes a entidades abstratas e inanimadas, na maioria das quais uma referência a sexo ou qualquer outra correlação semântica de gênero gramatical é totalmente irrelevante. No entanto, estas são partes essenciais da gramática latina e da francesa" (101).

(100) ROBINS, op. cit., p. 260.

(101) ROBINS, op. cit., p. 176.

Considerações mais profundas a respeito desse assunto nos levariam a discussões sobre a identidade do morfema, que já foi apontado muitas vezes como uma unidade mínima significativa. Muito já se discutiu a respeito desse problema e não é propósito nosso voltar ao assunto, mesmo porque não há nada de conclusivo sobre a questão. Preferimos adotar, para não irmos muito longe com estas considerações, a posição de Margarida Basílio, que assim se refere ao problema:

"Em suma, temos que admitir que a presença de algum significado não é o que caracteriza morfemas, mas temos também que admitir que muitos — se não a maior parte — dos morfemas, na realidade, apresentam significados específicos" (102).

O fato de não estabelecermos a função semântica do gênero não pode trazer nenhum embaraço para a descrição que estamos fazendo dessa categoria. Afinal de contas, o aspecto a que nos apegamos foi o formal. Quando definimos o gênero do substantivo como uma relação morfo-sintática que se estabelece entre o substantivo e seu determinante, deixamos de lado o aspecto do significado, não só porque já vislumbrávamos a impossibilidade de sua fixação, como também porque optamos por uma definição formal da questão.

Para finalizar nossas considerações sobre o significado do gênero, transcrevemos as palavras de Sapir, que interpreta com fidelidade o problema que acabamos de apresentar:

(102) Margarida BASÍLIO, Estruturas Lexicais do Português: uma Abordagem Gerativa, 1980, p. 41.

Dir-se-ia que, em certo período do passado, o espírito inconsciente da raça fez insofriadamente um inventário da sua experiência, se jungiu a uma classificação prematura mas inapelável, e arreou os herdeiros da língua com uma ciência que eles já não aceitam mas não têm a força de destruir. Todo dogma, rigidamente prescrito pela tradição retesa-se em formalismo. As categorias lingüísticas constituem um sistema de dogmas remanescentes — os dogmas do Inconsciente. Como conceitos, são, muitas vezes, apenas semi-reais; a sua vida tende a deperecer no sentido da forma por amor à forma"⁽¹⁰³⁾.

2.2- A FORMA DA CATEGORIA DE GÊNERO

Definindo o gênero em termos formais e certos de que a fixação de um significado específico não é uma condição "sine qua non" para a sua realização, temos possibilidade agora de estabelecer com mais rigor os contornos dessa categoria, sob o ângulo exclusivamente formal.

Na primeira parte deste trabalho, preocupamo-nos com a forma dos substantivos da Língua Portuguesa, que se classificam, obrigatoriamente, em masculinos e femininos. Como estabelecer essa divisão, como enquadrar os substantivos em um dos dois rótulos, se, em sua grande maioria, esses subs-

(103) SAPIR, op. cit., pp. 100-101.

ativos permanecem invariáveis, e não há nada no vocábulo que denuncie essa classificação?

A solução morfo-sintática dada à questão vem resolver uma série de problemas relativos à caracterização formal da categoria de gênero. Essa mudança de tratamento, vez da tradicional perspectiva morfológica, pode dar à sistematização do gênero um certo grau de coerência bem próximo ao desejável. O que nos parece básico, de acordo com essa visão do problema, é que o gênero passa a ser uma categoria de todo um sintagma, envolvendo, muitas vezes, uma oração inteira e, até mesmo, como acontece frequentemente, um texto. Na crônica de Carlos Drummond de Andrade, "Ela, cara a cara", da qual reproduzimos um trecho, a relação sintagmática do gênero está presente formalmente em muitas palavras, quer sejam pronomes, quer sejam determinantes de lua. Os vocábulos marcados pela concordância aparecem sublinhados.

"Olho bem a Lua, procuro adivinhar-lhe o pensamento. Tenho certeza de que ela faz o mesmo comigo. Sou talvez uma pedrona à sua frente. Mais treinada do que eu, não deixa transparecer a mínima sensibilidade. Seus olhos brancos de feldspato, espalhados por toda a superfície, permanecem frios, enigmáticos. Gostaria de conquistá-la. Não à maneira dos cosmonautas, pisando nela, cavando-a para extrair amostras. Mas seduzindo-a pela manifestação da capacidade humana de compreender, de simpatizar, de amar e infundir amor. (...) ... Era isso a Lua. Bastava dizer, bastava olhar para ela e conferir: É a Lua. Com-

pletamente distinta de qualquer astro ou planeta quando, subindo vermelha do mar, ou caminhando nobre e pausada no alto, varria da gente o cisco do tempo"(104).

O substantivo em questão - lua - não foi envolvido em qualquer variação de forma. Mas o seu gênero ficou definido por alguns determinantes e pelos pronomes que a ele se referem, já que receberam a marca de feminino. Mais uma vez fica comprovado o caráter morfo-sintático da categoria de gênero.

Já vimos, com R. H. Robins, ao tratar do conceito de categoria gramatical, que

"... as relações sintáticas entre os membros de classes de palavras acompanham-se de formas morfológicas específicas em algumas ou todas as palavras variáveis envolvidas"(105).

A frequência de palavras flexionáveis envolvidas na categoria de gênero é muito variável, indo desde a marcação de todas elas até a ausência total de marca. Antes de trazer à consideração alguns casos específicos, cumpre lembrar que Whorf, que já tinha tratado do conceito de categoria gramatical sob uma perspectiva sintática, deixou claro que o sinal formal de uma categoria apresenta bastante liberdade quanto à sua caracterização ou colocação. Ao estabelecer a distinção entre categoria aberta e categoria fechada, Whorf afirma que categoria aberta

"... es aquella que tiene una señal formal que está presente (con sólo pocas e infre-

(104) Carlos Drummond de ANDRADE. O Poder Ultra-jovem, 1972, p. 41.

(105) Ver supra, p. 74.

cuentas excepciones) en toda oración que contiene un miembro de la categoría. La señal no necesita ser parte de la misma palabra de la que se puede decir que pertenece a una categoría en un sentido paradigmático; o sea que no necesita ser un sufijo, prefijo, vocal temporal o cualquier otra 'inflexión', y puede ser una palabra suelta o un cierto tipo de modelo en toda la oración"(106).

Mais adiante, o autor afirma:

"En las categorías abiertas son relativamente numerosas las formas no señaladas, que incluso llegan a representar mayoría y que son indistinguibles incluso en el contexto"(107).

Podemos considerar as categorias nominais de gênero e de número em português como categorias abertas. Há, porém, uma diferença entre elas. As palavras envolvidas na categoria de número sofrem, em geral, variação de forma. São raros os substantivos em português que não admitem flexão de número. Tal não se dá, como vimos, com o gênero. Talvez a causa dessa disparidade esteja no fato de haver uma relação bastante precisa entre forma e sentido na categoria de número, o que não acontece com o gênero, que teria perdido a rigidez formal por causa do esvaziamento de sentido.

Tendo em vista o que acabamos de expor, vamos estabelecer os tipos de ambiente em que se realiza a categoria gramatical de gênero.

(106) Benjamin Lee WHORF, Lenguaje, Pensamiento y Realidad, 1971, p.106.

(107) Id. ib., p. 107.

a) 1 - Os dois gatos famintos parecem cansados
Os dois gatos selvagens parecem cansados
Os três gatos selvagens parecem tristes

2 - Dezenas de gatos selvagens parecem tristes

b) 1 - Os dois animais famintos parecem cansados
(ou os rios mineiros parecem cansados)
Os três animais selvagens parecem tristes
(ou os rios paulistas parecem tristes)

2 - Dezenas de animais selvagens parecem tristes (ou dezenas de rios paulistas parecem tristes).

A respeito desses ambientes lingüísticos, cabem as seguintes considerações:

a) Procuramos estabelecer uma direção geral dos tipos apresentados em que partimos das formas mais marcadas para aquelas que não apresentam marcas de gênero.

b) Nas frases do tipo a, o substantivo é flexionável. Nos três tipos de a-1, há apenas uma diferença de frequência na marcação dos determinantes: podem todos eles ser marcados, ou apenas um. Em a-2, temos que apenas o determinado é flexionável. Tal ocorrência não confere, entretanto, ao gênero, como poderíamos supor à primeira vista, um caráter estritamente morfológico. É preciso pensar nas possibilidades ou virtualidades da língua: basta substituímos selvagens por famintos, para chegarmos à conclusão de que o isolamento de gatos, como único vocábulo passível de flexão na frase primitiva, é um dado ocasional de atualização de fala.

c) Nas frases do tipo b, o termo determinado não apresenta flexão de gênero. Além disso, convém deixar cla-

que, sob o ponto de vista morfo-sintático, é indiferente que o substantivo se refira a seres animados ou inanimados. A nossa preocupação resume-se em observar o fenômeno de concordância.

d) Em b-1, a exemplo do que vimos em a-1, podem variar todos os termos determinantes, ou apenas um deles. É apenas uma questão de frequência.

e) Em b-2, a ausência de palavras variáveis quanto ao gênero é total. Mas aqui, da mesma maneira como vimos em a-2, trata-se de um ato esporádico de fala. Basta substituímos selvagens por famintos e a relação morfo-sintática emergirá no plano da língua.

CAPÍTULO 3

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para finalizar nossas considerações a respeito do gênero do substantivo em português, gostaríamos ainda de fazer duas colocações a respeito dessa categoria.

Em primeiro lugar, é preciso deixar claro, de acordo com Mattoso Câmara, que

"... a flexão de gênero é, em princípio, um traço redundante nos nomes substantivos portugueses" (108).

Procurando esclarecer o pensamento do lingüista brasileiro, diríamos que a categoria de gênero em português é, em geral, redundante, já que as marcas de gênero podem aparecer em várias palavras. Foi o que vimos numa frase como,

os dois gatos famintos parecem cansados.

Ora, se considerarmos a redundância com um fator de coesão sintagmática, é preciso ressaltar que a marca de gênero do nome substantivo é apenas uma das marcas de coesão. Na verdade, a redundância, bem como o próprio conceito de gênero, repousam na idéia de inter-relação e interdependência de formas. Não existe, em teoria lingüística,

(108) Mattoso CÂMARA, Estrutura da Língua Portuguesa, p. 81.

o chamado "morfema redundante", mas existem "morfemas redundantes". A marca de gênero em português não é, em si, redundante. É redundante o fato de o gênero de um substantivo aparecer marcado mais de uma vez no sintagma ou na frase.

Em segundo lugar, de acordo com um dos objetivos firmados na introdução deste trabalho, de que desejávamos também atingir aspectos pedagógicos do ensino da Língua Portuguesa, não é inconsistente a afirmativa corrente em nossas gramáticas, segundo a qual o substantivo pertence a um gênero pelo fato de exigir este ou aquele artigo. É esse, aliás, o ponto de vista de Mattoso Câmara:

"As gramáticas escolares podem, portanto ensinar o gênero dos nomes substantivos na base da forma masculina ou feminina do artigo, que eles implicitamente exigem" (109).

Parece-nos, no entanto, que essa afirmativa, se feita isoladamente, não revela nem um pouco do arcabouço teórico que se esconde por detrás de tal postulado. Haja vista os livros didáticos que, de um modo geral, fazem uma afirmativa como essa, numa unidade intitulada "morfologia".

Mas o princípio é, como dizíamos, válido.

Se alguém nos diz que semente pertence ao gênero feminino, porque dizemos a semente, nessa afirmativa está consubstanciada toda a teoria que procuramos desenvolver a respeito de gênero, neste trabalho. Tal postura perante o fato lingüístico revela, por exemplo, que a solução do problema não está na palavra em si, não é uma questão estritamente morfológica. É o relacionamento morfo-sintático,

(109) Id. ib., p. 81.

é a flexão do artigo exigida que vai definir o gênero. Mas é necessário assinalar que nos referimos ao artigo, por ser essa partícula de presença marcante em Língua Portuguesa, na caracterização do substantivo. É sempre possível, ainda que implicitamente, antepor-se um artigo a um nome substantivo. Mas o "acordo" que se estabelece na categoria de gênero não atinge, como vimos inúmeras vezes, apenas o artigo. Ele se expande através de várias palavras flexionáveis. Quando afirmamos que somente é feminino, porque dizemos a semente, estamos simplificando e facilitando a compreensão do problema; fazemos isso - para usarmos o jargão pedagógico - por "comodidade didática".

Na afirmativa que estamos discutindo - a de que semente é feminino, porque o uso consagrou a semente - estão implícitos dois postulados básicos que procuramos fixar no nosso trabalho:

a) O conceito de categoria gramatical deve receber um tratamento morfo-sintático.

b) Na solução dada para determinar o gênero de semente, não foi feita qualquer referência ao sentido da palavra.

CONCLUSÃO

O objetivo principal deste trabalho foi o de estabelecer que o gênero do substantivo em português deve ser conceituado como uma categoria morfo-sintática. Tal não tem sido o ponto de vista da tradição gramatical portuguesa, que tem descrito e caracterizado o gênero como uma categoria morfológica.

Para chegar a essa conclusão, partimos da análise de dados concretos da língua. Verificamos, com o desenrolar da pesquisa, que havia um desencontro entre certos conceitos normalmente relacionados com a caracterização do gênero e os dados que colhemos em nossa pesquisa. Decidimos que, na primeira parte do trabalho, deveríamos fazer uma revisão do conceito de gênero do substantivo em português. Para tanto, estabelecemos relações entre os conceitos de flexão, número, categoria gramatical e morfologia e os resultados da pesquisa que empreendemos. Tendo como base a frequência com que certos tipos de substantivos aparecem no "corpus", objeto de nossas investigações, e as evidências formais do material colhido, concluímos, na primeira parte do trabalho, que o gênero do substantivo não se confunde com flexão e não se restringe ao âmbito da morfologia. Além disso, não é uma categoria gramatical, se entendermos, com Vendryes, que categorias gramaticais são "noções que se exprimem por meio de morfemas". Concluímos ainda que gênero e

número são dois fenômenos lingüísticos que não apresentam, a rigor, as mesmas características, quer quanto à forma, quer quanto ao sentido.

Na segunda parte do trabalho, fixamos o conceito de gênero do substantivo e procuramos resolver alguns problemas que foram levantados na primeira parte da dissertação.

Para chegar ao conceito de gênero do substantivo, optamos por fazer uma aproximação gradativa do problema. Procuramos rastrear o ponto de vista de certos autores que trataram do assunto, partindo de posições mais gerais, até chegar a considerações mais específicas e objetivas. Foi assim que estudamos as posições de Evanildo Bechara, Said Ali, Celso Cunha, Souza Lima, Alonso e Ureña, Vendryes, Martinet, Bloomfield, Gleason e Robins.

Tomando como base as evidências formais da língua, que reconhecemos e fixamos na primeira parte do trabalho, as posições dos autores citados e, principalmente, o ponto de vista de Robins com relação ao conceito de categoria gramatical, foi-nos possível estabelecer algumas premissas que serviram de base para a fixação do conceito de gênero do substantivo:

a) a questão do gênero é, primordialmente, um problema sintático;

b) o fato de caracterizarmos o gênero como um fenômeno sintático não vai definir a questão, se não for levado em conta o aspecto morfológico das palavras envolvidas;

c) o gênero do substantivo não é definido pelo substantivo, mas através de seu determinante flexionável.

De posse desses dados teóricos, pudemos estabe-

• lecer que o gênero do substantivo é um tipo de relação morfo-sintática que se estabelece entre o substantivo e seu determinante: se o determinante adquirir a forma marcada -a, o substantivo será feminino; se, em oposição, a forma do determinante for não-marcada (morfema \emptyset), o substantivo será masculino.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

I - TEORIA

ALMEIDA, M. Said. Gramática Secundária da Língua Portuguesa.
São Paulo, Melhoramentos, 1969.

ALONSO, Amaro & UREÑA, Pedro Henriquez. Gramática Castellana,
22. ed., Buenos Aires, Losada, 1964, v. 1.

ALMEIDA FILHO, Leodegário Amarante de. Gramática Básica da
Língua Portuguesa. Rio de Janeiro, Fundo de Cultura, 1968.

BARRETO, Mário. Novos Estudos da Língua Portuguesa. 3. ed.,
Rio de Janeiro, Presença, 1980.

BRASILIO, Margarida. Estruturas Lexicais do Português: Uma
Abordagem Gerativa. Petrópolis, Vozes, 1980.

BECHARA, Evanildo. Moderna Gramática Portuguesa. 19. ed.,
São Paulo, Ed. Nacional, 1972.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. A Categoria do Gênero. Tese
de livre-docência inédita. Universidade de São Paulo,
1974. 2 v.

BLOOMFIELD, L. Language. London, George Allen & Unwin, 1967.

CÂMARA JR., J. Mattoso. "Considerações sobre o gênero em Português". In: Dispersos. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1972, pp. 115-129.

_____. Dicionário de Filologia e Gramática. 2a. ed. Rio de Janeiro, Ozon, 1964.

_____. Estrutura da Língua Portuguesa. Petrópolis, Vozes, 1970.

_____. História e Estrutura da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro, Padrão, 1976.

_____. Princípios de Linguística Geral. Rio de Janeiro, Acadêmica, 1964.

_____. Problemas de Linguística Descritiva. Petrópolis, Vozes, 1969.

CARRETER, Fernando Lázaro. Diccionario de Términos Filológicos. 2. ed., Madrid, Gredos, 1962.

CEGALLA, Domingos Paschoal. Novíssima Gramática da Língua Portuguesa. 20. ed., São Paulo, Ed. Nacional, 1979.

CERVO, Amado Luiz & BERVIAN, Pedro Alcino. Metodologia Científica para Uso dos Estudantes Universitários. 2. ed., São Paulo, McGraw-Hill do Brasil, 1978.

- COSERIU, Eugênio. "Sistema, Norma e Fala". In: Teoria da Linguagem e Lingüística Geral. Rio de Janeiro, Presença; São Paulo, Ed. da Universidade de São Paulo, 1979, pp. 13-85.
- CUNHA, Celso Ferreira da. Gramática da Língua Portuguesa. 5. ed., Rio de Janeiro, FENAME, 1979.
- _____. Gramática do Português Contemporâneo. Belo Horizonte, Bernardo Alvares, 1970.
- DUBOIS, Jean et alii. Dicionário de Lingüística. São Paulo, Cultrix, 1978.
- FREITAS, Horácio Rolim de. Princípios de Morfologia. Rio de Janeiro, Presença, 1979.
- GLEASON, H. A. Introduction à la Linguistique. Paris, Larousse, 1969.
- JAKOBSON, Roman. Lingüística e Comunicação. São Paulo, Cultrix, 1969.
- JESPERSEN, Otto. The Philosophy of Grammar. 9. imp., London, George Allen & Unwin, 1963.
- LIMA, Mário Pereira de Souza. Gramática Expositiva da Língua Portuguesa. São Paulo, Ed. Nacional, 1937.
- LIMA, Rocha. Gramática Normativa da Língua Portuguesa. 15. ed., Rio de Janeiro, 1972.

- LUFT, Celso Pedro. Moderna Gramática Brasileira. Porto Alegre, Globo, 1976.
- MARTIN, John W. "Gênero?". In: Revista Brasileira de Linguística. Petrópolis (2): 3-8, 1975.
- MARTINET, André. Elementos de Linguística Geral. Lisboa, Sá da Costa, 1964.
- MCILLET, A. Linguistique Historique et Linguistique Générale. Paris, Honoré Champion, 1965.
- MILLO, Gladstone Chaves de. Gramática Fundamental da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro, Acadêmica, 1968.
- MAZCANTES, Antenor. Comentário à Nomenclatura Gramatical Brasileira. Rio de Janeiro, Acadêmica, 1959.
- _____. O Idioma Nacional. 3. ed., Rio de Janeiro, Acadêmica, 1960.
- MUNIZ, José Joaquim. Compêndio de Gramática Histórica Portuguesa. 6. ed., Lisboa, Clássica, s.d.
- PAUL, Hermann. Princípios Fundamentais da História da Língua. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1970.
- POITIER, Bernard. Gramática del Español. Madrid, Alcalá, 1970.

- BURNS, R. H. Linguística Geral. 2. ed., Porto Alegre, Globo, 1981.
- SALVADOR, Ângelo Domingos. Métodos e Técnicas de Pesquisa Bibliográfica. 6. ed., Porto Alegre, Sulina, 1977.
- SAPIR, Edward. A Linguagem. 2. ed., Rio de Janeiro, Acadêmica, 1971.
- SEQUEIRA, Pe. F. M. de. O Gênero na Gramática Expositiva. Petrópolis, Vozes, s.d.
- TORRES, Artur de Almeida. Moderna Gramática Expositiva da Língua Portuguesa. 16. ed., São Paulo, Fundo de Cultura, 1964.
- WENDRYES, Joseph. Le Langage. Paris, Albin Michel, 1968.
- WHORF, Benjamin Lee. Lengaje, Pensamiento y Realidad. Barcelona, Barral, 1971.
- WIESEMAN, Úrsula & MATOS, Rinaldo. Metodologia de Análise Gramatical. Petrópolis, Vozes, 1981.

II - "CORPUS" E TEXTOS

ANDRADE, Carlos Drummond de. O Poder Ultra-jovem. Rio de Janeiro, José Olympio, 1972.

ASSIS, Machado de. Memórias Póstumas de Brás Cubas. São Paulo, Jackson, 1946.

ERAGA, Rubem. Ai de Ti Copacabana. 3. ed., Rio de Janeiro, ed. Autor, 1960, pp.197-200.

FREITAS, Horácio Rolim de. Princípios de Morfologia. Rio de Janeiro, Presença, 1979.

GABEIRA, Fernando. O que é isso, Companheiro? 22. ed., Rio de Janeiro, Codecri, 1980.

RÔSA, João Guimarães. Grande Sertão: Veredas. 5. ed., Rio de Janeiro, José Olympio, 1967.

Veja. São Paulo, Ed. Abril, n. 657. abr. 1981.

DISSERTAÇÃO APRESENTADA NO DEPARTAMENTO
DE LETRAS VERNÁCULAS DA FACULDADE DE
LETRAS DA UFMG, FAZENDO PARTE DA BANCA
EXAMINADORA OS SEGUINTESS PROFESSORES: 15/03/82

Angela Vaz Leão

Profa. Dra. Angela Vaz Leão
FALE/UFMG - Orientadora

Mariani

Suzo Bai

Eunice Pontes

Profa. Dra. Eunice Souza Lima Pontes
Coordenadora do Curso de Pós-Graduação
em Letras da FALE/UFMG